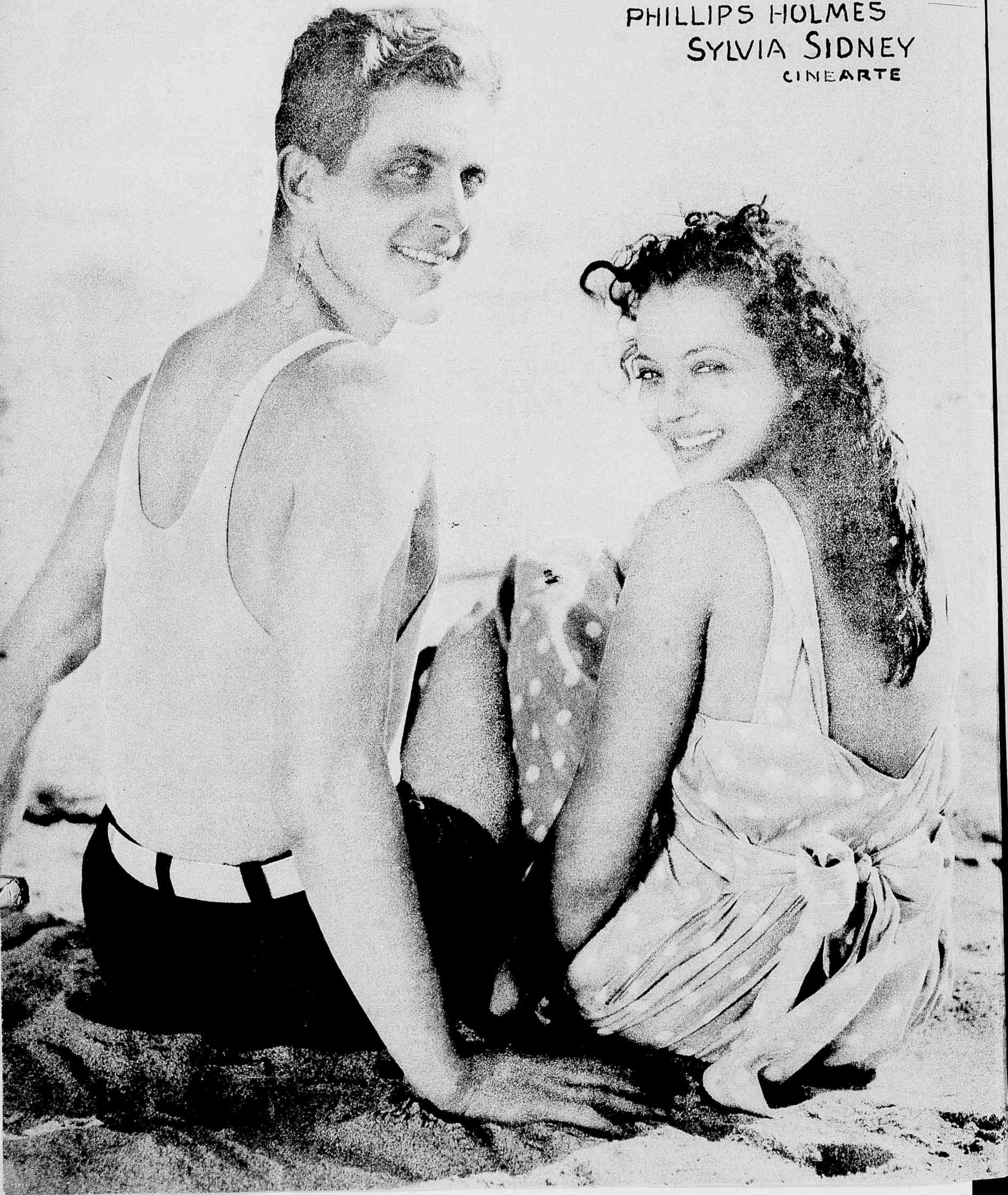
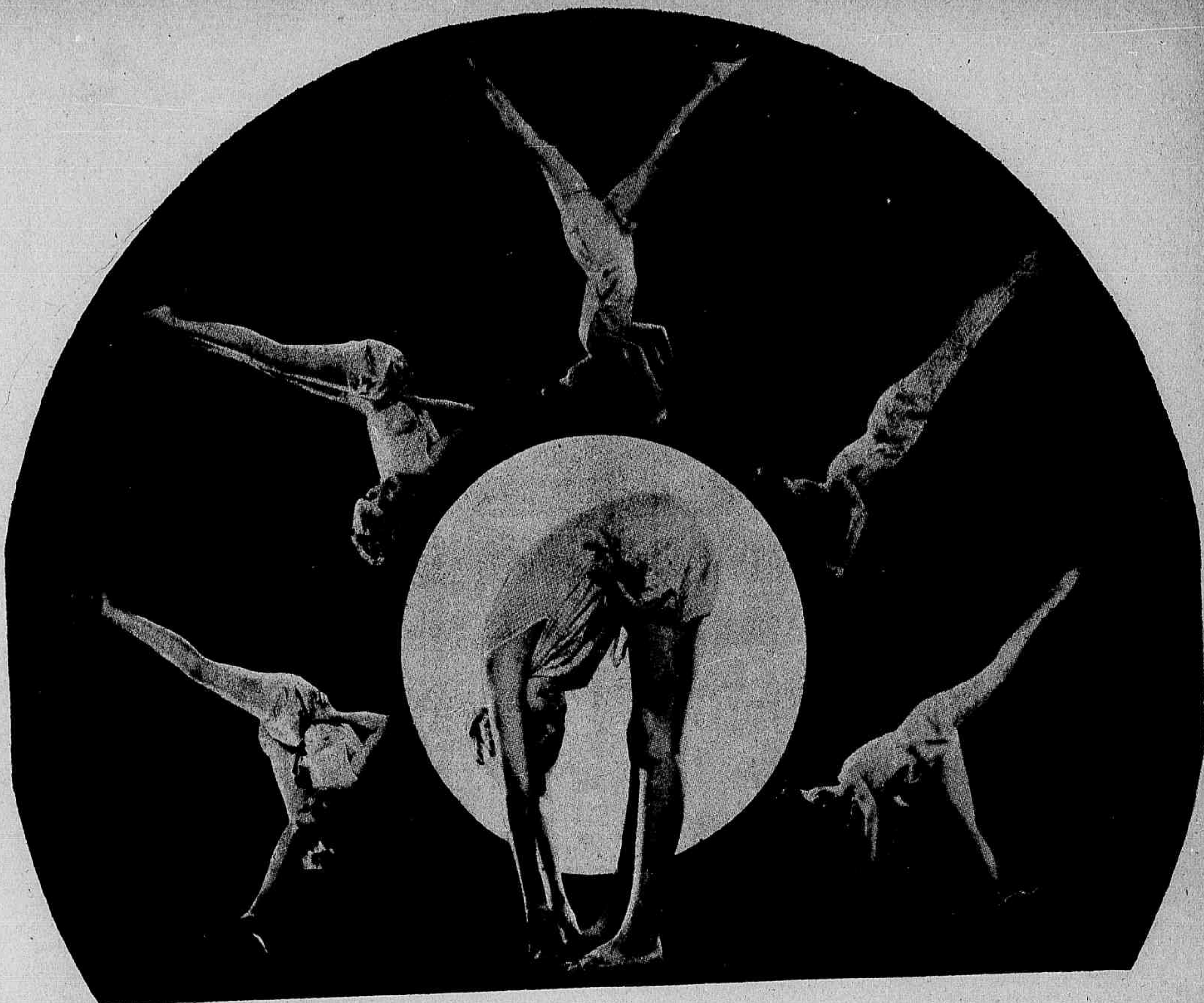
LUPITA TOVAR

# CINEARTE

PHILLIPS HOLMES
SYLVIA SIDNEY
CINEARTE

JOAN MARSH



# CINEARTE

VOLTANDO dos Estados Unidos o representante da United Artists no Brasil, sr. Enrique Baez, que diga-se de passagem, é um dos mais finos cavalheiros que temos encontrado entre os que se dedicam ao commercio Cinematographico entre nós, foi abordado por varios jornalistas á cata de impressões

E falando aos collegas d'"O Jornal" disse algumas verdades e expandiu varios conceitos que no momento actual se revestem de grande importancia, dada a autoridade de que provém.

Nós, destas paginas temos escripto varias vezes sobre a famosa crise com que nos acenam os interessados, capaz de obrigar ao fechamento de todos os Cinemas existentes em nosso territorio.

Essa ameaça que andou sendo trombeteada varios dias em varios jornaes só nos provocou sorriso.

Conhecemos muito bem esses *trucs* de fim de anno, noticias que só apparecem em letras destacadas ao tempo em que o administrador cuida dos orçamentos.

E' a defeza.

Muito natural, aliás.

Mas o processo, por muito repetido, já ficou desmoralisado.

Por isso mesmo ninguem lhe dá mais credito.

Ninguem acreditou pois na balela do fechamento dos nossos Cinemas.

E de facto nenhum delles se fechou.

E se fechar será por falta de Films que a producção, esta sim está em crise desde o advento do Cinema Sonoro.

Um dos topicos que mais nos chamaram a attenção na referida entrevista do sr. Baez foi o seguinte:

"os luxuosos Cinemas como o Roxy, o Paramount e outros de igual classe que cobravam quasi dois *dollars* por poltrona, reduziram seus preços de entrada para 75 centavos. Difficilmente se encontra um Film que justifique a entrada ao preço de um dollar sequer! Os antigos Cinemas estão hoje a 35 centavos. O theatro de Earl Carroll, o unico que ainda mantém grande frequencia, baixou os preços de cinco para tres *dollars*. Além disso, cada casa de diversões destina a renda de um dia da semana para o fundo de amparo dos sem trabalho."

Preços de dois *dollars* reduzidos a 75 centavos representam uma baixa de 62 e meio por cento.

E isso em casas que nós por aqui nunca sonhamos possuir, com programmas que para nós constituem um mytho. Ora, quando ao falar da crise do publico affirmamos que esta era devida em grande parte á agravação dos preços elevados, tiravam ao espectaculo Cinematographico, o caracter de diversão popular adquirida justamente pela modicidade dos preços que a tornavam accessivel a todo mundo, não faltou quem nos criticasse acerbamente attribuindo nossas palavras á "eterna má vontade desta revista para com os emprezarios de Cinema."

Debalde mostravamos como em certos bairros, varios Cinemas, tendo estabelecido por experiencia preços especiaes, modicos em dias determinados conseguiam extraordinarias enchentes em logar das vasantes dos outros dias.

Vem agora o sr. Enrique Baez com a sua autoridade e nos diz como o exhibidor norte americano premido pela falta de publico baixa os seus preços á altura das posses dos seus clientes e com essa politica habil (vão-se os anneis mas fiquem os dedos) evitam prejuizos mais sensiveis que poderiam ir até o fechamento das portas.

Os irmãos Ferrez sempre foram, em seus Cinemas, dos mais commedidos nas exigencias para com o publico. Uma moderação que sempre mereceu a critica impiedosa dos collegas. Entretanto, os Cinemas dos irmãos Ferrez parece terem sido dos que menos queixas tem formulado contra a crise do publico.

Por que ?

Mercê, justamente dessa moderação.

Os preços altos das entradas eram outr'ora justificados pelas odiosas taxações do fisco.

O anno passado lembrou-se a Prefeitura de substituir os seus impostos pelo sello de entrada.

O exhibidor descarregou o peso do sello sobre o espectador... mas não se lembrou de baixar os preços.

Em suas palavras a respeito o sr. Manoel Miranda, que superintende as finanças municipaes, fez resaltar justamente o facto desse allivio que a transformação dera ao exhibidor sem que o publico delle beneficiasse.

Ora, o sello sempre foi taxa chamada de caridade ou solidariedade, por isso que recahia directamente no publico.

A Prefeitura ao creal-a, porém, fel-o como succedanea dos outros impostos, beneficiando exclusivamente ao exhibidor.

**Cinearte**

REVISTA CINEMATOGRAPHICA

DIRECTORES
Mario Behring e Adhemar Gonzaga

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 70$000; 6 mezes, 35$000. — Estangeiro: (Registrada) 1 anno, 85$000 6 mezes 43$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado). deve ser dirigida á Rua Sachet n.° 34 — Telephones: Gerencia: 3.4422 — Redacção: 8-6247 — Rio de Janeiro.

EM S. PAULO

Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti. — Rua Senador Feijó n. 27 — 8° andar — Salas 86 e 87 — S. Paulo

Representante em Hollywood. GILBERTO SOUTO.

ESTE anno que passou, o Operador de "Cinearte" respondeu 756 cartas. Ellas vieram na seguinte distribuição: S. Paulo mandou o maior numero. Foram 232 cartas, sendo 102 da Capital e 130 do interior do Estado. A cidade do interior paulista que mais cartas mandou, foi Ribeirão Preto, com 35 cartas. A "fan" que mais cartas escreveu, de S. Paulo, foi Yvonne Valbret, com um total de 11 cartas.

Districto Federal escreveu ao Operador 225 cartas. Morena Triste, com 10 cartas, foi a que mais escreveu.

Rio Grande do Sul mandou 63 cartas. Da capital, 34. O "fan" rio grandense que mais escreveu, foi Nils Norton, com 8 cartas.

Pernambuco, com 45 cartas, vem em seguida. De Recife, 34. Carlos Barbosa, com 7 cartas foi o que mais escreveu.

Minas Geraes vem depois com 38 cartas. De Bello Horizonte, 18, Mario Romualdo, com 10 cartas, foi o que mais escreveu.

O Estado do Rio mandou 35 cartas. Da capital, 7. Honorio Moura escreveu 13 cartas, sendo elle, além de principal do Estado do Rio, o

*Na Associação Beneficente dos Operadores Cinematographicos do Rio de Janeiro, durante a sessão solemne, commemorativa do "Dia do Operador"*

'fan" que mais escreveu ao Operador durante este anno.

Da Bahia vieram 28 cartas. S. Salvador mandou 26. Ranulia, com 8 cartas, ficou em primeiro logar.

Do Pará, de onde nos vieram 19 cartas, Belem escreveu 7. Anin, com 5 cartas, com a que mais escreveu.

Do Ceará nos vieram 15 cartas. Fortaleza escreveu 7. Charles King Asfor, com seis cartas em primeiro.

Do Paraná, 14 cartas. Curityba escreveu 12 cartas. Sven, mandou 7.

Santa Catharina escreveu ao Operador, 11 cartas. 8 de Florianopolis. Bésali, com 5, foi o primeiro.

Do Espirito Santo vieram para "Cinearte", 7 cartas. De Victoria, uma, apenas. Zyropazo, de Collatina, com 4 cartas, em primeiro.

Alagoas, com 6 cartas, depois. Maceió escreveu 5. Todos mandaram uma carta cada um.

Rio Grande do Norte, com 3 cartas vindas de Natal, idem.

Matto Grosso, com 3 cartas, uma de Cuyabá e duas de Aquidaúna, idem.

Parahyba, com 3 vindas da capital, idem.

Amazonas, com 3 vindas de Manáos, teve Lindoya Amazonense escrevendo duas.

Sergipe mandou de Aracajú duas cartas de dois "fans" differentes.

E de Portugal "Cinearte" tambem recebeu 4 cartas, duas de Lisboa. Moreninha de Olhos Negros, com duas, venceu.

Eis o movimento, em resumo, da secção do Operador.

---

Raul Roulien terá agora um dos principaes papeis em "Widow's Might" ao lado de John Boles, Myrna Loy e Linda Watkins.

*Scena do Film italiano "La Lanterna del Diavolo", da Cines, dirigido por Carlo Campogalliani. E Laetitia Quaranta, é uma das principaes.*

Luiz de Mello, proprietario do Cine Polythema de Cedral, Estado de São Paulo, installou um aparelho typo Vitaphone no seu Cinema, inaugurando-o com o Film "Ella disse não".

---

Em Ribeirão Preto, inaugurou-se um novo Cinema. E' o Cine Para-todos e está situado na rua Florencio de Abreu. A direcção da empresa Loyola Junior inaugurou o Cinema com o Film brasileiro "Cousas nossas".

---

Tambem em Belém, inaugurou-se um novo Cinema, da empresa Cardoso e Lopes.

---

A edição falada de "Over the Hill" (Honrarás Tua Mãe) da Fox obteve enorme successo no Roxy de New York.

Como se sabe, Mae Marsh está no logar de Mary Carr e James Dunn no papel de Johnnie Walter.

"Struggle" é o titulo do proximo Film de Griffith para a United Artists. "Oitenta por cento do Film será silencioso", disse o grande director.

---

A agencia da Metro Goldwyn no Rio, mudou-se para a Avenida das Nações, 248. E nós agradecemos muita esta communicação e o cartão de Boas-Festas que nos foi enviado.

*Enrique Baez, director da United Artists do Brasil, ao lado de Douglas Fairbanks, com quem conversou em New York sobre a vinda do primeiro ao Brasil, em Maio proximo. Enrique Baez trouxe tambem para o Brasil, a producção da Columbia.*

NOTA DOS JORNAES:

" O ministro do Trabalho autorizou ao director geral do Departamento do Commercio a acquisição a A. Botelho, do Film "O Brasil" (a terra e o homem), com a metragem de 2.913, pelo preço global de 10:000$000".

---

TELEGRAMMA DE NEW YORK PARA OS JORNAES:

Estreou com grande exito, o Film "Delicous", em que tem papel principal o artista brasileiro Raul Roulien. Roulien agradou, assim, desde o seu primeiro trabalho na tela dos "fans" novayorkinos. O nome do Brasil foi victoriado pela numerosa assistencia, que compareceu á primeira do "Delicuos".

Satisfeitissimo com o grande exito obtido, Roulien declarou que vae provavelmente Filmar trabalhos com motivos brasileiros.

O applaudido autor patricio, approveitando-se da opportunidade da passagem do anno novo, dirigiu um telegramma de cumprimentos ao chefe do Governo Provisorio dando conta do successo que acaba de obter.

---

A Pathé Nathan terminou "Tout Ça Ne Vaut Pas l'amour" com Marcel Levesque.

---

Ramon Novarro firmou um contracto com a Metro Goldwyn para dirigir, tambem.

---

Robert Montgomery, perdeu a sua filhinha Martha, de 14 annos.

---

Richard Tucker casou-se com Arlene Andre.

---

John Boles será o principal em "Scotch Valley" da Fox.

---

Victor Mac Laglen, George O'Brien e Conchita Montenegro apparecerão em "The Gay Bandet" da Fox.

---

Lupe Velez vae apparecer com Frederic March em "The Broken Wing" da Paramount.

(Eyes of the World) — Film da UNITED ARTISTS.

| | |
|---|---|
| UNA MERKEL | Sybil |
| John Holland | Aaron King |
| Fern Andra | Mrs. Taine |
| Nance O'Neil | Myra |
| Hugh Huntley | James Rutledge |
| Frederic Burt | Conrad La Grange |
| Brandon Hurst | Mr. Taine |
| William Jeffrey | Bryan Oackley |

No prologo: —

| | |
|---|---|
| Eulalie Jensen | Mrs. Rutledge |
| Hugh Huntley | James Rutledge |
| Myra Hubert | Myra |
| Florence Roberts | Criada |

Director: — **HENRY KING.**

Um dia, no meio da sua felicidade, Myra, que entregára a vida e o coração a James Rutledge, viu cortadas todas as suas esperanças, destruidas todas suas illusões. O marido pertencia a outra, era um bigamo vulgar e deshumano. E, o que era peor, vingativa e violenta, a mulher que tinha o direito de primeira esposa, vingava-se atrozmente della: — atirava-lhe vitriolo ao rosto, deformando-lhe as feições e, o que era peor, o liquido, escorrendo, cahira sobre o pescocinho tenro e côr de leite da filhinha delicada que era todo o amor da vida de Myra...

Mas não havia remedio. No dia seguinte ella deixava para sempre aquella casa onde sonhára e onde tambem vira, atroz, o lado mais cruel da vida. Deixava a pequena em companhia do pae, que lhe poderia dar uma educação á altura e fugia do mundo. Para onde? Não sabia. Para onde ficasse para sempre isolada da vida e amargando a recordação negra do seu passado.

* * *

Annos depois, a sua filhinha crescera. Casára com um velho rico. Era a senhora Taine que todos admiravam pela sua belleza differente e pelos seus habitos extravagantes. O pae morrera, mas no irmão, aliás parecidissimo com o pae, tinha ella um companheiro e um cumplice para as exquisitices do seu genio e temperamento exoticos.

De viagem em viagem, de aventura em aventura, a senhora Taine nada mais fazia do que esquecer os juramentos que fizéra diante da lei de Deus e da lei dos homens em relação ao marido... Elle era ciumento, mas era velho, não podia acompanhar-lhe os caprichos e como

# OLHOS do

ella os desculpava com a capa da "arte", dizendo estar protegendo "artistas", elle era obrigado a ceder, a acreditar e a moer dentro de si mesmo o despeito e o ciume que não o largavam jamais.

Em Paris, longe do marido, ella apaixonara-se pelo jovem pintor Aaron King, um rapaz que luctava contra a falta de dinheiro para concluir seus estudos e como fosse um rapaz digno e serio, ella, que o cobiçou immediatamente para seus caprichos de mulher prepotente, resolveu conquistal-o com o tempo e pela obrigação. Assim convidou-o a acceitar um passeio á America, em sua companhia, onde poderia estudar nas melhores escolas e concluir, assim, o que faltava para o seu aperfeiçoamento. Elle a aprincipio reluctou. Mas depois cedeu. Além disso fascinado pela belleza della e pela sua seducção immensa. Além disso ella vivia falando em se divorciar e o irmão, que se fizéra seu amigo, dizia-lhe que elle poderia casar-se com ella, depois, se tanquizesse.

* * *

Na America, a senhora Taine encontrou, no marido, uma resistencia com a qual não contava. Elle mais ciumento do que nunca, desconfiou seriamente de Aaron e, assim, o remedio que ella teve foi projectar uma viagem ás montanhas, onde tinha a annos, uma casa excellente e, além disso, era um excellente pretexto para levar Aaron comsigo, com a desculpa delle retratar alguns aspectos tocantes daquella natureza que ali era tão prodiga em belleza.

Em companhia de Aaron e do irmão, seguiu. Lá, poucos dias duraram para que ella encetasse, contra Aaron, um cerco violento. Amava-o muito e já não mais podia sopitar os impulsos do seu coração ardente. Elle se esquivava, tanto mais que temia escandalos e não gostava desse genero de aventuras.

Nos campos encontrou elle inspiração fertil e apesar do auxillio do irmão, a senhora Taine não conseguia attrahil-o. Resolveu esperar mais um pouco. Elle acabaria resolvendo-se... Mas um dia, com surpreza sua, constatou que Aaron estava apaixonadissimo por Sybil, a filha do escriptor Conrad La Grange e com a qual tivéra, logo depois de ali chegado, um encontro occasional e curioso. Essa paixão poz ciumes violentos no coração della. E, activa de idéas como era, immediatamente projectou um cerco e uma offensiva contra sua rival.

Assim o fez. O irmão, a mandado seu, começou a assediar a pequena e ella, para não chamar a attenção de Aaron e affligil-o com aborrecimentos, fingia dar attenção a James. Um dia, no emtanto, elle acompanhou-a até sua casa e, approveitando a chance, desviou-se do caminho e levou-a á sua casa, ao contrario do que disséra. Lá, immediatamente entrou a procurar seduzil-a e vendo que ella não cedia, abraçou-a com força e encetaram uma luta tremenda, ali mesmo, luzes apagadas.

Aaron, que tinha percebido a manobra de James, seguira-o de certa distancia e entrando, percebeu a scena num relance e, noutro, entrava eu lucta corporal com elle. Vencido James, a apparição da senhora Taine, attrahida pelo ruido da luta, peorou a situação de Sybil. Ella ia reagir e expulsar a pequena, quando a subita entrada de um vulto de mulher, embuçada, a todos chamou a attenção. Era Myra, protectora de Sybil e muito sua amiga que tendo percebido, ha muito, as manobras de James, em quem reconhecera o filho do homem que fizéra a sua desgraça, a annos, vinha rondando a casa para protegel-a fosse como fosse preciso, ainda que o tivesse de matar.

Myra, na senhora Taine descobriu, num relance, a sua filha. Mas vendo-a tão cruel, tão deshumana, achou o meio de ali a desmoralisar e mostrando, num gesto brusco, a queimadura de vitriolo que ella no pescoço tinha, bem marcada, expoz tambem a sua e a todos provou que era verdade o que dizia.

Humilhada, a senhora Taine não teve remedio sinão deixar a Sybil o caminho livre para viver feliz em companhia de Aaron e, dessa fórma, voltar ao marido que, embora ciumento, sempre mostrava-se disposto recebel-a mais uma vez junto a si.

*Déa Selva e Decio Murillo em "Ganga Bruta" da "Cinédia"*

# CINEMA

Lemos no "Libertador" de Pelotas:

"Labios sem beijos" póde ser definido naquellas palavra da critica que "Cinearte" lhe fez: "Assumpto leve, moderno, tratado com originalidade e descripto, photographicamente, com muita imaginação". E' a definição mais feliz que se pode fazer da primeira producção da *Cinédia*.

Façamos a projecção do Film: Os letreiros iniciaes com aquellas letras que muita gente não gosta (excusado é dizer que não são *fans*...) Aquella legenda que diz que o Film era para ser feito em Londres mas, que por causa do nevoeiro, resolveram fazel-o no Rio... Depois, a apresentação do director. Já andamos chateados da eterna "chapa" — "Direcção de fulano"! "Labios" então é original outra vez: "Humberto Mauro dirigiu". Estylo nosso, bem brasileiro. E principia o Filme. Desde que os Cinemas foram, sem serem soldados... equipados. E as cabines, sem serem clubs de football.... passaram a ter equipes... não vimos mais um só Film com aquella technica inegualavel dos detalhes descriptivos. Que prazer sentimos, vendo aquella chuva, descripta pela "Mitchel"! Bem detalhada, nos seu menores detalhes, com aquelles papeis a nos recordarem um celebre Film de King Vidor... E dando margem, tambem, para nos mostrar um aspecto inedito do Rio! A apresentação de Paulo Morano e Tamar. A discussão no escriptorio de Alfredo Rosario. A apresentação de Lelita. A collocação da machina nesse "shoot". A discussão daquella com o tio. Aquelle dactylographo. O retrato de Pedro II... Isso tudo é melhor do que Greta Garbo...! Depois, o encontro de Paulo e Lelita. A sequencia em casa de Didi. Augusta Guimarães falando dos namorados e Humberto Mauro esperando-a... A telephonada de Gina para Lelita. E a festa em casa da primeira. Que "fuzarca"! E' aquillo mesmo. Não ha exaggero... Os idyllios de Lelita e Paulo, todos bem dirigido por Humberto Mauro. Parabens Humberto! Você sabe compor estas scenas... A revelação de Didi a Lelita. O rapto desta, que a sombra do papagaio impede (que detalhe!) E por fim a sequencia em que Lelita e Didi vão procurar Paulo Morano! Eu sabia que "Labios" não me desilludiria... Mas nunca julguei que fosse tão bom. Tão perfeito... E' melhor ainda do que eu suppunha! O final é uma surpreza e maior surpreza ainda, para nós, foi descobrir, o Gonzaga, que andamos procurando todo o Film e não tinhamos encontrado... Elle é aquelle que a barata de Didi atropella...! E vêm os dois idyllios finaes. O de Didi e Decio, com a ironia daquella sua phrase e a cascatinha, cuja agua pára de correr. E o de Lelita e Paulo, atrapalhado por aquelle boi... E a legenda final?!

CARMEN SANTOS

Recebemos e agradecemos um cartão de Boas Festas de Alvaro Alvarado, que é um dos principaes interpretes do Film "Sacrificio Supremo".

*
* *

Ninguem ignora a legião enorme de candidatos que possue o Cinema Brasileiro, e que em geral se dirigem aos Studios da *Cinédia*. Candidatos de todas as partes do Brasil, dirigem-se ao Studio de S. Christovam, pessoalmente e por carta. Mas, a semana passada, uma moça de Araraquara,

*Déa Selva já recebe uma porção de cartas. As suas "fans" já lhe procuram no Studio para pedir os autographos, porque todos já viram que Déa Selva vae ser uma das figuras de mais successo.*

*Ronaldo de Alencar e Lillian Rubens em "Sacrificio Supremo".*

# BRASILEIRO

telephonou para o Studio da *Cinédia*, candidatando-se para trabalhar no Cinema.

Positivamente o nosso Cinema está progredindo. A sua importancia é um facto.

*
* *

A Fam-Film de Matto-Grosso, productora do Film "Alma do Brasil", terminou um jornal Cinematographico intitulado "Novidades regionaes" para complemento da sua producção.

*
* *

A *Cinédia* continúa em grande actividade, adaptando os novos edificios do terreno, recem-adquirido. *Ganga Bruta* continúa em Filmagem, assim tambem como o *O preço de um prazer*, que serão lançados ainda este anno.

*Todos que assistiram "Mulher" gostaram daquella figurinha interessante que era aquella companheira de quarto de Carmen Violeta. Pois, ella, Olga Silva, que vae apparecer em outros Films da "Cinédia".*

LUIZ SA' FOI QUEM FEZ ESTA CARICATURA DE POIRIER, ESPECIAL PARA "CINEARTE"

# Uma pequena entrevista com Leon Poirier

LEON POIRIER, um director francez, foi nomeado director artistico de Cinema na Exposição Colonial em Paris. Procurámol-o, naturalmente interessados nas suas opiniões e encontrámol-o ainda com a barba que deixou crescer, durante a Filmagem de "Caïn", um dos seus ultimos e mais importantes trabalhos.

— Deploro.

Disse-me, iniciando a palestra e a proposito da Exposição.

— Que apenas me tenha sido confiado o recinto de festas na "Cité des Informations". Eu queria organizar um vasto programma de Films de aspecto colonial e isto me tem tolhido, em parte. Queria criar um Cinema permaneste, mesmo, onde só se exhibissem, sem cessar, Films sobre a vida nas colonias, como no "Pavillon de Marsan", naquella exposição que apresentou a "Croisière Noire". O trabalho a a realizar, aqui, é gigantesco. Entretanto, creio, não me faltará o animo para sustental-o com todo o carinho.

— Reviveu "Verdun, Visions d'histoire'

Comecei eu, mudando o assumpto para Cinema em geral.

— E vae, agora, voltar o Film como obra completa do Cinema falado, não é?

— Realmente. O titulo novo, entretanto, ainda é "Verdun, souvenirs d'histoire". Isto, para adaptar-se melhor ao seu aspecto falado.

— Esse "Souvenirs d'histoire" faz-nos suppor que seja um dos partidarios do novo modo de fazer Cinema...

— Não sou.

A negativa surprehende-me. Elle prosegue.

— "Verdun" é da historia, é uma pagina immortal da guerra. Cheguei-me ao Cinema falado, porque elle, para este particular, pode ajudar-me a conseguir uma realização perfeita. O "falado", entretanto, nada mais é do que theatro e theatro, feito dentro do campo Cinematographico, é desastre certo. Reconheço a superioridade do novo vehiculo apenas num particular: sonorização. Neste meu Film, sob aspecto de guerra, então ajudou muito, mesmo. Neste particular, então, não ha quem suplante o Cinema falado. O theatro, então, nem siquer se lhe compara.

Olhou em redor de si, como si procurasse alguma cousa e, depois, proseguiu, ajuizando tudo com muita calma.

— O Cinema silencioso é poesia pura. Apresentam-se as imagens em alegoria. O director é o seu proprio autor. O Cinema silencioso predispõe ao sonho, á fantasia e permitte, a cada um, a vontade, escolher a phrase que lhe convenha ou o dito que queira para significar a situação pensada e exposta. Uma orchestração bem estudada completa o sonho. O Cinema falado deu um realismo ao antigo Cinema, com sua voz constante, que mata toda a belleza de qualquer assumpto.

Novo silencio, nova phrase, depois.

— Utilizar esse novo vehiculo, o falado, sem cessar e sem modificar, é impossivel. Será o assassinato, a morte da arte. Seus effeitos uteis podem ser apresentados em determinados Films. Isto sim! "Tabú", que actualmente se exhibe pelos nossos Cinemas, é uma prova flagrante do que affirmo e que dispensa maiores commentarios. Ali vê-se o quanto a ausencia da voz auxilia a belleza do thema e o quanto, tambem, uma boa e perfeita orchestração vale para conseguir determinados effeitos que o Film mostre incompletos e a musica possa prolongar, aperfeiçoando.

Resolvemos fazer uma pergunta rapida e que determinaria, logicamente, uma resposta rapida e sincera, tambem.

— Seu proximo Film será silencioso ou falado?

Elle acompanhou a resposta de um largo gesto. ....

— Tenho innumeros projectos. A crise Cinematographica que se annuncia não permitte, entretanto, divulgal os. Falado, inteiramente, não farei nada.

— Prefere o sinchronizado, então?

Elle terminou a palestra, para sahir que já se fazia tarde, com esta ultima phrase.

— Nem mesmo isso. O sinchronizado é automatico demais. Continúo pelas grandes orchestras de maestros intelligentes.

LEW · AYRES e sua
esposa LOLA LANE

CINEARTE

Pequenas da Metro Goldwyn...

**Douglas e Mary numa photographia de Lansing Brown especial para "Cinearte."**

# O que eu sei de Douglas e Mary

Elinor Glyn sempre escreve commentarios interessantes sobre Cinema e gente de Cinema. Este é sobre Mary e Douglas, dois dos nomes mais importantes e mais solidos da industria. Leiamol-o.

* * *

— Já fazem dez annos desde que me avistei, pela primeira vez, com Douglas e Mary. Sahia eu, naquelle momento, de um dos palcos do Studio da Paramount em Vine Street, quando Cecil B. De Mille, que vinha ao lado de um rapaz magro, alto e moreno, parou para apresentar-m'o. Era Douglas Fairbanks, de quem eu tanto tinha ouvido falar e do qual eu conhecia tanta cousa sem o conhecer, no emtanto.

Eu era tão nova, naquella epoca, a respeito de cousas de Cinema, que ainda não tinha perdido o costume tremendamente tolo de julgar, pela apparencia, as pessoas por [illegible]ropeus. Douglas, por exemplo, achei immediatamente parecido com um nobre qualquer da corte de Hespanha, na qual eu tinha sido recebida exactamente antes da minha partida para Hollywood.

Senti, não sei porque, uma necessidade immensa de lhe falar em hespanhol, muito embora eu falasse bem pouco essa lingua. Mas Douglas salvou a situação. Saúdou-me em muito bom americano e depois de me perguntar o que estava achando da California, disse-me que queria que eu me avistasse com Mary.

Poucos dias depois, eu jantava com elles na linda residencia que ambos mantêm com tanto gosto, em Beverly Hills. Mas não pensem que foi facil ao chauffeur encontrar a estrada que conduzia á casa de Douglas. Naquelle tempo, Beverly Hills não era o que é hoje e, assim, ficava quasi "perdido nas selvas" se permittida for esta forma de expressão, aqui. O facto é que depois de muitas e muitas voltas, tornamos ao Hotel Beverly Hills e, lá pedimos um guia. Para voltar, foi mais facil; — os meus hospitaleiros amigos mandaram-me no carro delles, sã e salva até Sunset Boulevard. Lembro-me, muito bem, tambem, que, naquella epoca, quando depois voltei a fazer visitas a Mary, costumavamos esconder, se voltava-mos de carro á Cidade, nossas joias e dinheiro num determinado logar do automovel, para casos de assalto na deserta estrada, ou cousa semelhante. Assim era a Beverly Hills daquellas epocas.

Para se entrar em Pickfair, passa-se por uma especie de pequeno tunel e, subito, está-se na sala de estar do casal Fairbanks. O ar geral da sala dá a impressão de ser um lar de interior inglez, confortavel. Poltronas e sofá cobertos de cretone. Parte das paredes com armarios embutidos, pintados de branco e cheios de livros dos melhores. Um fogão de inverno e flôres por todos os cantos. Principalmente flôres. Essa foi a primeira impressão visual que eu tive de Pickfair. Uma atmosphera geral de paz e amor. A figura de Mary sentia-se naquillo tudo. Olhando-a, tive a impressão de estar olhando a mais joven esposa do mundo. Naquelle primeiro golpe de vista, tive a impressão de estar olhando uma moça de quinze annos e tão adoravel quanto jovem, demasiadamente jovem.

Uma das cousas que me puzeram admirada, foi a altura della. Eu fiquei atonita com o tamanho della! Eu jamais pensei que uma inglezinha pudesse ser daquelle tamanhinho! Ella me saudou com tal gentileza, com tamanha attenção que eu senti, nessa saudação, uma phrase que ella não chegou a dizer: — "seja bem vinda ao meu lar. Deve sentir-se tão só, em terra estranha"... Foi isso que eu senti na expressão meiga e singela do seu cumprimento.

Quiz bem aquella Maryzinha adoravel desde o primeiro instante.

Quando comecei a ouvir, daquelles labios que se me afiguravam de garota, palavras cheias de reaes e profundas considerações, mais espantada e admirada ainda fiquei. Ninguem pode estar ao lado de Mary, aliás, sem ser vivamente tocado pela sua intelligencia, o seu senso e a sua dignidade que é impressiva ao extremo. Seus olhos pareciam-me estrellas. Seu rosto meigo e simples traduzia caracter e opinião.

Ao jantar, Douglas e ella sentaram-se lado a lado e não poucas vezes deram-se as mãos. Elles se amavam de verdade e não sentiam vergonha desse amor que tanto os acariciava.

No lar delles, naquella epoca, tudo era simples e encantador. Digo isso, porque tambem naquella epoca, Hollywood toda estava invadida de uma febre de pseudo-hispanicas mobilias que eram enormes e terrivelmente feias. Era, portanto, um alivio a presença em casa tão simples e tão gostosamente mobilada, como a de Mary e Douglas.

A prosa de ambos, tambem, era absolutamente differente em tom e especie da totalidade — sim, da totalidade, affirmo! — da colonia Cinematographica daquelle recanto da California. Elles se interessavam pelas cousas exteriores, tambem e Douglas, particularmente, commentava com muita felicidade factos mundiaes e povos de habitos diversos.

Depois, ali mesmo, assistimos a um Film e nunca achei tão interessante e agradavel um Film como aquelle que eu via cercada de tanto conforto e cultura.

Douglas me disse que Mary ás vezes dormia, quando elle passava alguns Films que lhe faziam somno. E que elle, tamando-a nos braços, fazia-a dormir sobre seus joelhos, brandamente, levando-a depois para o seu quarto, carregada. A principio eu achei tola aquella narrativa delle. Mas depois, pensando bem, eu achei adoravel a sinceridade daquelle homem que assim expunha a intimidade do seu lar e o verdadeiro amor que elle sentia, sem pejo algum, pela adorabilissima esposa.

Uma das cousas que tambem me tocaram, profundamente, foi a adoração que Mary sentia pela sua Mãe. Apesar de ser a primeira visita que ella de mim recebia, pedia-me licença e, levantando-se, ia telephonar á mãe a perguntar della. Naquelle dia, contou-me: a velha senhora disséra, pela manhã, que não estava muito bem e era por isso que ella assim se estava preoccupando com ella. Vinda da Europa, onde não se crê e nem se tem muito desse verdadeiro amor filial, natural era que me espantasse e me chocosse, deliciosamente, essa profunda affeição de Mary por sua mãe. Essa tarde que passei junto a elles, foi a primeira das muitas felizes horas que passei em companhia de ambos e de muitos saudosos fins de semana que passei em Pickfair, depois disso.

Carlito era tambem um convidado obrigatorio, se bem que não excedesse de seis ou oito o total delles. E que illusão agradavel Douglas e Carlito espalhavam entre todos que ali se achavam em visita. Lembro-me vivamente, ainda, de uma noite de Natal que passei em Pickfair e, na qual Douglas e Carlito representaram, a horas tantas, um juiz e um criminoso diante de um caso de assassinio. Rimos tanto da graça adoravel e espontanea de ambos, que quasi chegamos ao riso hysterico, se elles não fossem piedosos e terminassem a farça adoravel que representavam tão bem. Naquelles dias todos pareciam mais alegres e menos preoccupados do que hoje. Ao menos é essa a impressão que eu tenho.

Nas minhas viagens pelo mundo, confesso, jamais apreciei um amor mutuo tão grande quanto o de Mary e Douglas. Para mim, elles foram os melhores amigos e os mais sympathicos que já tive na colonia do Cinema. Animaram sempre os meus planos de dar mais verdade aos Films feitos de argumentos meus e consolaram-me cada vez que eu via um desses planos ruir... Douglas tinha apenas terminado **A Marca do Zorro** (o Film mais vivo e mais interessante que vi. Eu o assisti tres vezes, tanto delle gostei!) e la começar **Os Tres Mosqueteiros.** Mary estava occupada com **O Pequeno Lord Fauntleroy.** Occupada, disse, porque ella tinha os dois papeis: — de "Dearest" e de "Fauntleroy." Papeis duplos pouco emocionam, num Film, porque todos logo descobrem o "truc" de pôr uma diante da outra que é a mesma. E só essa idéa de saber que é "truc", basta, sem duvida, para destruir a illusão que todo Film deve dar, antes de mais nada.

Uma outra admiração eu tive por ella, quando a vi aprender francez com vertiginosa rapidez. Depois de cerca de um anno de constante e paciente estudo, utilisando apenas as horas de intervallos entre Filmagens, Mary conseguiu aprender um francez perfeito, tanto em pronuncia quanto em grammatica e, hoje, fala fluentemente. O que mais me admirei, logicamente, foi da sua facilidade em aprender justamente nos momentos em que estava occupada com os seus desempenhos e geralmente cançada do trabalho.

De uma feita, fomos todos juntos á Europa. Era a segunda visita que Mary fazia ao velho continente, creio. Foi delicioso ver a recepção que lhe fizeram, em todos os portos de escala e, principalmente, no fim da viagem. A mãe de Mary Pickford acompanhou-a dessa feita. Que senhora adoravel!

Depois da volta delles dessa viagem, o aspecto de Pickfair começou a mudar. Foi toda re-cortada e luxuosamente preparada. Um gosto francez espalhou-se pela casa toda e amigos europeus puzeram-se lá dentro muito á vontade. Eu costumava pensar que aquillo ainda lhes ia causar aborrecimentos...

Mas quando eu finalmente deixei Hollywood, Mary e Douglas eram, de novo, os mesmos amigos apaixonados que sempre foram, sentando lado a lado pelas refeições e não gostando de irem a festas da sociedade de Hollywood.

Lembro-me de uma vez que fomos, juntos, a um jantar offerecido a um magnata do oleo, em Los An-

**(Termina no fim do numero).**

CARNAVAL "TA' HI"!

ANITA PAGE

*ETHELYN TERRY. Muito bonita phantasia. Muitas plumas. Pode-se fazer o forro de lã. Sente-se um calor damnado. Muito interessante.*

MIRIAM MARSH

*ARLENE RANSOME, apresenta um lindo modelo para quem não gosta de phantasias espalhafatosas.*

# HOLLYWOOD VOLTOU Á VIDA...

Ultimamente, Hollywood estava ficando uma das cidades mais enfadonhas do mundo todo. Nenhum rumor sobre um divorcio sensacional. Rarissimas "farras" de muito barulho e vinho velho. O Boulevard quasi vasio de pequenas de muito "it" e poucas roupas. Nada de brigas por causa de ciumes no Brown Derby ou no Embassy. Pouquissimas novidades. Nenhum "diz - que - diz - que"... Hollywood estava ficando *páo*, em synthese...

Mas o que teria succedido á nossa cidadezinha tão sincera, mas tão divertida, ao mesmo tempo?...

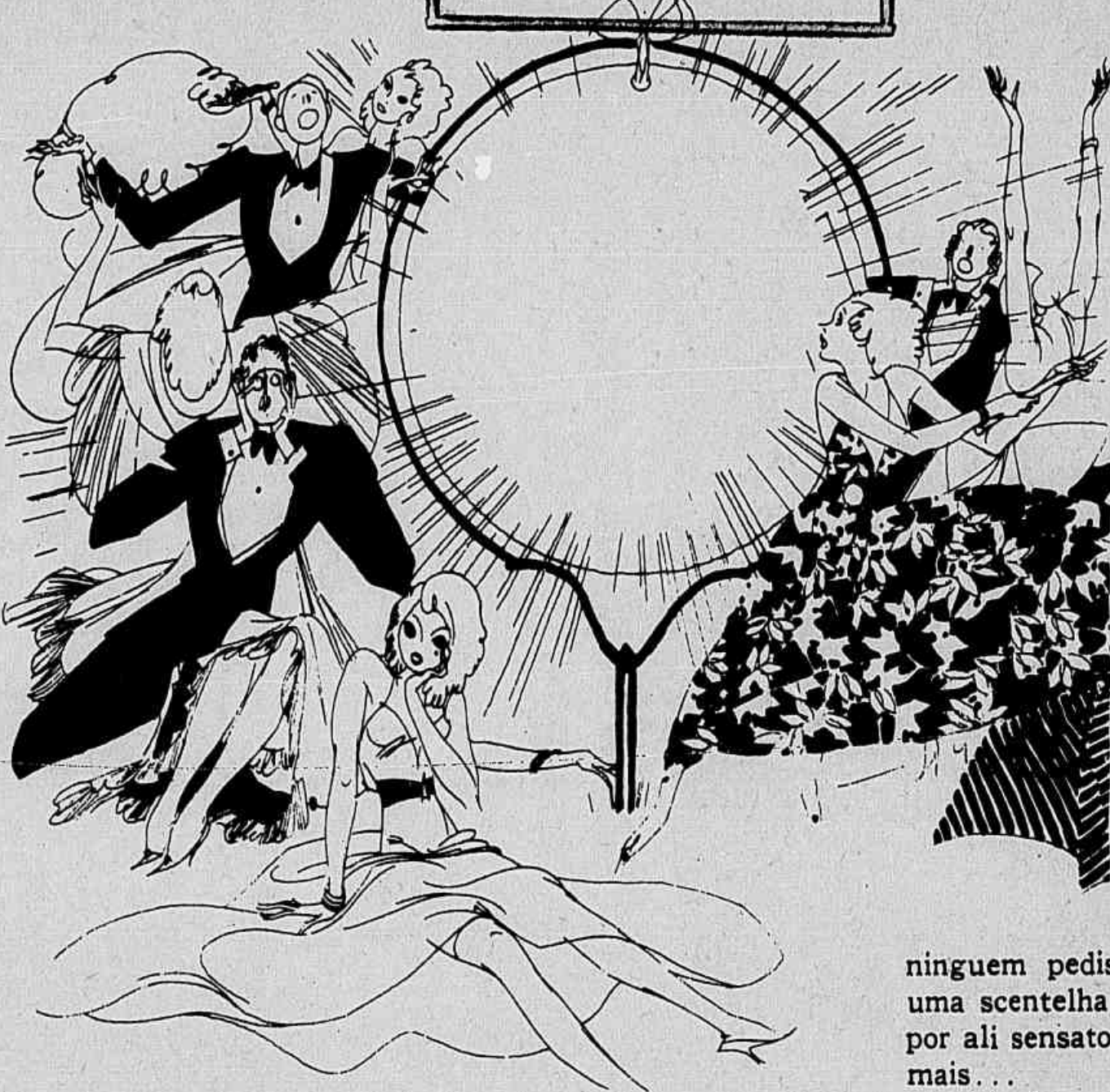
Nos tempos antigos, nós que nos recordamos da Hollywood dos bons tempos, não era preciso hesitar muito para encontrar o melhor *cabaret* ou a festa mais divertida. Além disso, Hollywood sabia da vida de todos os seus habitantes e estando-se em Hollywood, portanto, a cada dia tinha-se uma novidade sensacional para uma conversa maliciosa ou uma phrase intima em roda de amigos... Mesmo que nada disso se fizesse, só ficar observando as manobras dos que passavam, era, naquelle tempo, um sport de primeira agua...

No horizonte, um dia, appareceu um vulto. Era Will Hays. A sua credencial era esplendida: — vinha em nome do governo. Fazer o que? Ora... Nada! Vinha só espiar... E' que, fóra dos seus limites territoriaes, Hollywood já estava dando o que falar e como não era possivel, aos respeitaveis Estados Unidos, terem dentro de si uma "cidade livre", como já chamavam ao importante bairro de Los Angeles, uma autoridade para lá foi enviada e vestindo esse uniforme de ordem e lei, Will Hays entrou pelas fronteiras de Hollywood a dentro, estabelecendo-se com o seu sorriso e a sua complacencia nos terrenos do Film.

Depois da deploravel morte de Wallace Reid e do escandalo ruidoso de Roscoe Arbuckle, Will Hays chegou deante do pessoal da cidadezinha dos sonhos e sem megaphone, falando simplesmente, disse-lhes, sem tirar do rosto aquelle sorriso prazenteiro com o qual veste diariamente a physionomia e só despe quando está só...

— Meninos e meninas. Vocês sejam bomzinhos. daqui para deante. Papae Noel já lhes deu palacios bonitos, piscinas, Rolls Royces, alegrias e prazeres. Contentem-se com isso e não começem a pular muito a cerca que marca o limite... Lembrem-se que eu quero sempre ser bomzinho com vocês e vocês não quererão, naturalmente, que appareça um anjo ruim que lhes tire os moveis, os palacios, as piscinas e mesmo os aviões que vocês estão já comprando... Não é?...

Depois desse discurso infantil, começou a se dar a fatalidade... Clausulas sobre moral começaram a correr pelo Boulevard. Muita cousa que Hollywood já della se havia esquecido e muita cousa que pôz gente de cara torta e outros de beiço torto a dizer cousas sobre Mr. Hays... Mas, afinal de contas, gostando ou não, os meninos e as meninas foram sendo obrigados a seguirem os conselhos sensatos e paternaes do "dictador"... E que cousa! Bulir logo com Hollywood, uma cidade tão respeitavel, tão cheia de "distinctas personalidades de *estrellas* e *astros*"... Mas não adiantou zangar...

Era apparecer um nome envolvido num escandalo e, prompto, já era seu contracto summariamente cancelado, e elle posto dentro de uma listinha negra... (Elle ou "ella", ás vezes, e, em muitos outros casos, "elle" e "ella", juntos...). Mas não faziam nada, imagine! A's vezes bebiam um pouco mais, punham o carro a oitenta ou noventa pela estrada, passavam a noite juntos, irmãmente dividindo um só lar e... que injustiça!... no dia seguinte eram chamados, ella e elle, recebendo um aviso energico e, ás vezes, já o castigo tão duro quanto immerecido...

Mas não adiantava chorar... Começaram a apparecer as "amas" de Filmagem. Senhoras respeitaveis a acompanhar as innocentes loirinhas, *estrellas* fossem ou simples *extras*. Algum "villão" poderia interceptar o caminho dellas, "legião Lillian Gish" da "Hollywood nova"... Algumas dessas "amas", ao fim de certo tempo, eram promovidas a "mamãs"... Uma questão de mais segurança na apresentação das mesmas, apenas... Os galãs tiveram que ser apenas galãs e... nada mais. Toda ingenua, invariavelmente, tinha uma senhora de cabellos prateados ao lado, sympathica e austéra. Como Hollywood mudou...

A conducta pessoal era controlada pelo escriptorio central do Studio. Os passos dos artistas, quando sós e fóra dos seus serviços, eram contados pelos agentes secretos do corpo de detectives criado por todos os Studios... Annos depois, a impressão da victoria de Will Hays era definitiva.

O torrão do Cinema, limpou-se. Hollywood deixou a sua primitiva côr "rubra", pela pallida e meiga côr das asas dos anjos... Tornou-se, em poucos mezes, enfadonha, em vez de ser a vibrante e luminosa Hollywood dos bons tempos...

Da nova Hollywood, Ramon Novarro, amante maximo da paz e do socego, tornou-se o "leader". Joan Crawford começou a fazer "crochet"... Começou a tirar photographias de amadora, no jardim da sua casa... Lilyan Tashman tornou-se a sombra de si propria... Charles Rogers foi promovido a idolo da moderna mocidade americana... Phillips Holmes lavrou um tento nessa nova sociedade. John Gilbert deu um estalo com os dedos, soltou um vibrante "ora bolas!" e passou a ser "touriste" diario, nocturno, em demanda de plagas mexicanas... Conrado Nagel e Mary Brian tornaram-se dois escandalos na "nova" Hollywood: — iam deitar ás dez horas, quando o horario official das loirinhas, dos directores e das morenas, passára a ser nove e meia...

Mas... eis a questão... conseguiu a "limpeza Will Hays" operar o milagre que pretendeu?... Perdeu Hollywood, no processo de "branqueamento", alguma parcella da sua fama de cidade do mundo mais vibrante e curiosa?... Eis *aqui* o ponto. Hollywood fez-se gentil e boazinha. Muito boazinha demais, mesmo...

Os dias saudosos do Montmartre, onde os pares tinham que raspar os hombros, uns nos outros, tal era o seu numero total. Onde Joan Crawford, com reduzidissimas roupas, dansava, sem que ninguem convidasse, e mesmo que ninguem pedisse, apenas para dansar e pôr uma scentelha de loucura nos cerebros ainda por ali sensatos... Essa Hollywood não existe mais...

Tambem se foram os dias em que as *estrellas*, "rainhas" dos Studios, brigavam e davam a nota de sensação aos jornaes e aos "fans", como aconteceu, no da Paramount, com Gloria Swanson e Pola Negri, que só não brigavam quando não podiam... Tambem não vemos e nem temos mais a Gloria Swanson "super" vestida... A "ultra-super" *enjoiada* Ruth Roland... As "pelles" de raposa sempre novas de Billie Dove... As pernas gostosas e nuas de Alice White e Sally O'Neil descendo o Boulevard... Nem a infeliz Mabel Normand comendo amendoim dentro do seu Rolls Royce... Tudo passou... Tudo!

A gente de Studio, hoje, invariavelmente faz refeições no Embassy ou no Mayfair. Sempre estão longe dos olhos da plebe... A plebe, por sua vez, sente falta de applaudir os "famosos". As *rainhas* dos Studios não brigam mais e todas ellas puzeram na cabeça a mania de se fazerem "grandes damas"... Gloria não anda mais "super" vestida, mas anda "super" séria, o que é ainda peor. Billie Dove deixou as pelles em paz... (não nos referimos ás "pelles" de Howard Hughes, o productor mais "pelludo" do mundo...)

Na verdade, a impressão que se tem, Mr. Hays venceu. Mas *Hollywood* tambem venceu? Sim, Hollywood venceu juntamente com os seus, ou juntamente com o "dictador"?...

Agora é o caso de pensar! — tornaram-se as *estrellas* e os *astros* muito "parecidos" com a gente commum e vulgar de todas as ruas e todas as cidades?... Vejamos alguma cousa que está acontecendo agora a Hollywood... Depois formaremos nossos juizos.

A mais perfeita "lady" dos Films, Norma Shearer, está pondo, em torno de si, uma nova atmosphera. Não mais quer Norma deixar-se vestir pelas modas apropriadas a si. Nas noites de estreas, quem quizer, poderá apreciál-a em criações novas e as mais ousadas possiveis. Como aquellas com as quaes se deixou Filmar em *Beijos a Esmo, A Divorciada* e *Uma alma livre*... Ella comprehendeu, perfeitamente, que a publicidade feita em torno das suas capacidades de beira-de-lareira, nada estava adiantando para os papeis sensacionaes que, na tela, estava vivendo. A "senhora" Irving Thalberg está para desapparecer da presença do publico. Em seu logar teremos a Norma

*(Termina no fim do numero).*

Durou oito mezes... A sorte sempre foi adversa ao casal...

Jimmie é romantico como um collegial num bote, ao luar, de bandolim em punho e a pequena ao lado. Volta do ataque, sómente quando o coração começa a pulsar por outra aventura... Foi por isso que os amigos sentaram-se para gosar melhor o seu idyllio violento e apaixonadissimo com Dorothy Lee. No dia em que descobriram que ella o olhava com os olhos mais ternos do mundo e da maneira mais captivante imaginavel, começaram logo a apostar. O final já era esperado... Começaram a sahir juntos e Jimmie, publicista de renome, começou a fazer de graça a publicidade de Dorothy...

Os falatorios cresceram. Chegaram a affirmar, alguns entendidos, que Dorothy estava apenas "utilisando" Jimmie e que aquillo duraria muito pouco, com certeza. De repente, ninguem mais ouviu falar em Dorothy Lee nos escriptorios de Jimmie Fidler. Começaram logo os "guichets" a pagar apostas... De facto, oito mezes depois terminava abruptamente tudo aquillo que se iniciara sob o auspicio de tanto romance...

Dizem, uns, que a chegada de Fred Waring, maestro de um dos *jazz* mais formidaveis dos Estados Unidos, foi o vehiculo principal para a desunião do casal. Affirmam, os mesmos, que ella sahia com Jimmie, na ver-

# HOLLYWOOD

*Carole e William...*

*Richard Dix resolveu casar-se, afinal, seguindo o exemplo do seu director Wesley Ruggley, de quem foi padrinho de casamento. Winifred Coe é a sua esposa, depois de tantos boatos a respeito de Lois Wilson e Mary Brian...*

Senhores que apostam! Tomem os seus logares!... Vae começar o vigesimo terceiro pareo annual de Hollywood!... Apostem!...

Assim é que devia gritar alguem á entrada de Hollywood, referindo-se aos seus casamentos. Sim, por que tantos são os casamentos quantos os divorcios e, sendo assim, por que não disputar o primeiro posto como se se tratasse de uma corrida?...

Quando Jimmie Fidler e Dorothy Lee annunciaram que se iam casar, as apostas augmentaram de calor... Alguns apostaram que o casamento não se realizaria. Outros, que se realizaria e elles seriam felizes. Ainda alguns affirmaram que o casamento, se se realizasse, não chegaria a tres mezes de duração... Alguns praticantes deste *sport* de apostas, acharam e estabeleceram o praso de seis mezes como limite maximo para a duração desse matrimonio...

dade, mas invariavelmente voltava pelo braço de Fred... Depois, um dia, Fred deixou Hollywood e, dias depois, Dorothy tambem a deixava com destino a Chicago. E era exactamente lá que Fred Waring e sua orchestra estavam dando espectaculos...

—oO—

Quando Lawrence e Grace Tibbett chegaram a Hollywood onde elle vinha *estrellar* "Amor de Zingaro", conquistou elle a fama e uma invejavel posição Cinematographica num relance.

Lawrence é commodo como um sapato velho e democratico como um congressista de aldeia. E elle dava tanta attenção a uma conferencia com Louis B. Mayer quanto a uma conversa com qualquer electricista do Studio. Elle andava por todos os recantos do Studio e, não raramente, cantava suas preciosas e carissimas canções para um determinado numero de ouvintes gratuitos e humildes...

Pois Grace Tibbett, ella mesma, contou-me que não foi Hollywood que poz termo ao seu romance. Este já vinha terminando, ha muito. Hollywood ajudou, apenas. Elles brigavam muito, ultimamente e ella propria me disse.

— Larry amou outras mulheres. Depois sempre voltava

# ROLETA DO AMOR...

para mim e tinhamos violentas discussões. A's vezes faziamos as pazes logo e as vezes passavamos longos mezes assim brigados. Eu jamais me quiz separar delle, por um unico motivo: — amal-o muito! Por isso, apenas, é que eu supportava, sempre, as suas maiores infidelidades... Mas agora chegou o fim. Não me é mais possivel continuar ao seu lado.

Aquelles que apostassem no divorcio desse casal apparentemente feliz, teriam ganho, com certeza, porque a maioria acreditava que a esposa e os gemeos fossem a maior felicidade de Larry Tibbett...

—oOo—

O casamento de Loretta Young e Grant Withers, todos o sabem, foi um desastre que durou menos de um anno.

*(Termina no fim do numero)*.

*O director Wesley Ruggles casou-se com Arline Judge...*

*Trem Carr, Vice-presidente da Monogram, ao lado de Clara Bow e Rex Bell no dia da premiere do film deste, "Forgotten Women". Esta é a primeira photographia de Clara depois da sua retirada...*

Hollywood gosta de Conchita Montenegro. Conchita, no emtanto, viveu, até hoje, pensando ser um fracasso... Muitas têm sido as hespanholinhas ardentes e provocantes que Hollywood tem visto desfilar diante das lentes de suas objectivas. Mas Conchita tem sido uma hespanholinha differente: — ella sempre pensou no fracasso...

Até hoje, Conchita ainda não tomou parte num Film falado em inglez realmente bom. Importaram-na da Europa para tomar parte em versões hespanholas a serem feitas em Hollywood. Depois, quando começou a volta, "ao lar" de quasi todas as figuras "importadas", Conchita não o foi. Tiraram-na dos dialogos na lingua de seus paes e passaram-na para os Films dialogados em inglez. Em **Beijos a Esmo** ella fez um pequenino papel. Era aquella bailarina que quasi roubava Robert Montegomery da companhia de Norma Shearer. Depois disso deram-lhe um trabalho maior, mais importante e mais cheio de opportunidades em **Delirio de Amor**, com Leslie Howard. Ainda assim ella pensava no fracasso... Hoje ella está com a Fox e presa a um longo contracto. Já appareu ao lado de José Mojica, em **Principe sem Amor**, com Edmund Lowe e Warner Baxter em **Cisco Kid**, ao lado de Edmund Lowe e Victor Mc Laglen em **Disorderly Conduct** e vae proseguindo, de victoria em victoria, aqui numa versão hespanhola para não se esquecer da lingua dos seus e a maioria das vezes em versões originaes em inglez. Será que ella, agora, ainda pensa no fracasso?...

Uma occasião conversei com ella e ella me confiou o seu segredo: — estava com medo e quasi a certeza de que fracassaria fragorosamente na carreira que já tanto estimava. Ella achava que, nos Films, movia-se sempre como se fosse uma boneca de móla e, ainda, que seu rosto photographava mal, seus modos eram bruscos e sua voz de accento muito carregado.

Ella e sua irmã, Gusta, chegaram a apromptar malas para seguir de volta para a Patria. Isto ella decidiu depois de concluir que o seu primeiro Film falado em inglez era um radical fracasso. Ella era, antes de mais nada, profundamente sincera na sua attitude.

No Studio, no emtanto, a historia que se ouvia era profundamente differente. A pequena madrilena estava em excellente consideração e todos a achavam uma personalidade de primeira especie. Todos admiravam e commentavam o modo sincero e amoroso com o qual animava ella as suas scenas de amor. Sobre **Delirio de Amor** elles diziam cousas que a outra qualquer teria envaidecido, mas que ella levava em conta de consolo e insinceridade.

Ella me disse assim, um dia, sentada numa poltrona e olhando-me com aquelles olhos mais negros do que uma noite sem estrellas e sem esperanças...

— Sinto-me terrivel, simplesmente... Não me diga o contrario. Não sei porque, detesto tudo quanto tenho até aqui feito para o Cinema. Tudo parece que em mim fica desageitado e eu vivo sob a impressão de que não faço exactamente aquillo que o director me pede que faça e, assim, que não sou digna de estar occupando o posto que elles até aqui me têm dado. O interessante, no emtanto, é que toda minha vida não desejei outra cousa sinão ser artista. Na Europa, eu ia sempre ao Cinema e Greta Garbo era a artista que eu mais admirava, como mais admiro, até hoje e, naquelle tempo, eu apenas pedia a sorte de poder vir a ser uma artista tão boa quanto ella, apenas... Mas eu acho imperfeitos os meus movimentos, incompleta a minha representação. Quando falo, sinto que minha bocca não se move

# CON

com naturalidade e tudo isso, em summa, muito me enerva e me aborrece.

Fazendo estes ultimos Films em que tenho figurado, emmagreci quinze libras. Tres dias eu cheguei a ficar de cama e cheguei

a ficar rouca a ponto de não poder falar. Tudo nervos! Disse-me a enfermeira que era laryngitis e eu acho que era nervoso, apenas nervoso e nada mais... Eu e Gusta chegamos a pensar, varias vezes, em ir para a Hespanha tanto medo eu tenho de ser tida como fracasso e, consequentemente, despedida. Emfim, vamos esperar mais um pouco para ver o que acontece em tudo isto que me cerca e queira Deus que seja méra impressão dos meus nervos muito excitados, últimamente.

Não é para menos. Conchita tem apenas dezoito annos e é uma idade — confesso — bem tenra para uma pequena sustentar, sobre os hombros, todas essas emoções sem que seus nervos se resintam. Dizem, tambem, que os genios nunca ficam satisfeitos. O que elle faz, sempre acha imperfeito. Jamais acha que a perfeição seja por elle attingida. E' certo que Conchita não seja nenhum genio. Van Dyke, que adrigiu em **Delirio de Amor,** disse-me que ella, nesse Film trabalhou sob uma enorme e terrivel impressão nervosa. Além disso ella tinha um problema não menos formidavel diante de si: — falar inglez num prazo quasi irrisorio de tão curto e tudo isso influiu muito para o seu soffrimento e a sua agonia mental que chegou a ser intensa. Ella não é nenhum genio, com certeza, repetimos, mas tem qualquer cousa daquella chamada sagrada que Rachel Meller, La Argentina e toda mulher da sua raça tem, espontaneamente. Além disso, Conchita é uma dansarina. Como toda dansarina, é nervosa, agitada e nunca acha descanço para nada. Talvez seja por isso que ella ache errado e ruim tudo quanto faz.

# CHITA!

Por isso é que achamos que pequenas como Conchita, em Hollywood, são cousas raras.

Ella me contou, tambem, que quando começou a dansar, juntamente com Juanita, a irmã della que está em Paris, era terrivel e ella propria reconhecia isso. Contou-me a respeito de um bailado que se chamava "Murmurios de Alhambra" e que ellas, fazendo movimentos e dansando sem rythmo algum, foram applaudidas e tinham a certeza de serem as peores dansarinas do mundo... Bem por isso, disse ella, que não acredita muito naquelles que dizem que ella está bem e está vencendo...

Quando ella quiz entrar para o theatro e dansar, a gente da sua familia, os Robles Madariagas, pediram a ella, a **chatita** da familia que pensasse nelles, na honra da familia e nos sentimentos delles Madariagas todos. Ella, que se chamava Concepcion, mudou o nome para Conchita.

Em Paris, Conchita fez um Film. Em Paris, mais tarde, dansando no **Chateau de Madrid,** Conchita recebeu um convite de Hollywood para assignar um contracto e figurar em Films. A senhora de Hunt Stromberg, um supervisor de Films, vira-a dansando e avisara Hollywood disso. Pouco tempo depois figurava ella, com José Crespo em **Paso al Marino,** versão hespanhola de **Marujo Amoroso,** ao lado de José Crespo.

Entre os seus admiradores e rapazes que sempre a convidavam para festas ou reuniões, contam-se Ramon Novarro, Valentin Parera, Charles Chaplin, José Crespo, William Bakewell e, mesmo, o jovem Rubio, filho do presidente do Mexico.

Depois disso, entrou ella em Films ao lado de Romon Novarro, Buster Keaton, e, finalmente, na sua primeira exhibição em um original em inglez. Quando esse seu contracto terminou, a Fox, que a observava a muito e que ainda iria continuar com certas versões hespanholas, resolveu contractal-a e foi o que fez.

Os Films que tem nesta fabrica já feitos, citamos acima.

O seu triumpho não soffre duvidas e só mesmo ella e a sua eterna scisma delle pode duvidar.

# Estão enganados com Greta Garbo!

**(Conclusão).**

Os seus momentos de bom humor vem em momentos inesperados, quasi sempre. Durante a Filmagem de **Mulher Singular,** no momento de se Filmar um determinado **shot** no qual ella devia entrar por uma porta e mostrar, na physionomia, profunda emmoção, tudo começou a sahir errado na parte mechanica desse mesmo apanhado, isto é, erro do **cameraman,** foco infeliz ou cousa semelhante. Ella esperava impacientemente e o director Robertson, com a sua peculiar calma, tambem. No instante em que ficou tudo prompto e foi dado o signal de **camera** para ella entrar, quem entrou foi uma bola de borracha que ella mandára buscar no almoxarifado e que vinha direitinha na cabeça de Robertson... Logo em seguida ouviu-se a immensa gargalhada de Greta Garbo, gargalhada que mostrava o quanto ella se sentia feliz por ter acertado o alvo... Só depois que ella socegou é que a scena foi tomada e com perfeição maior, aliás, como se aquelle alivio de nervos lhe tivesse feito bem.

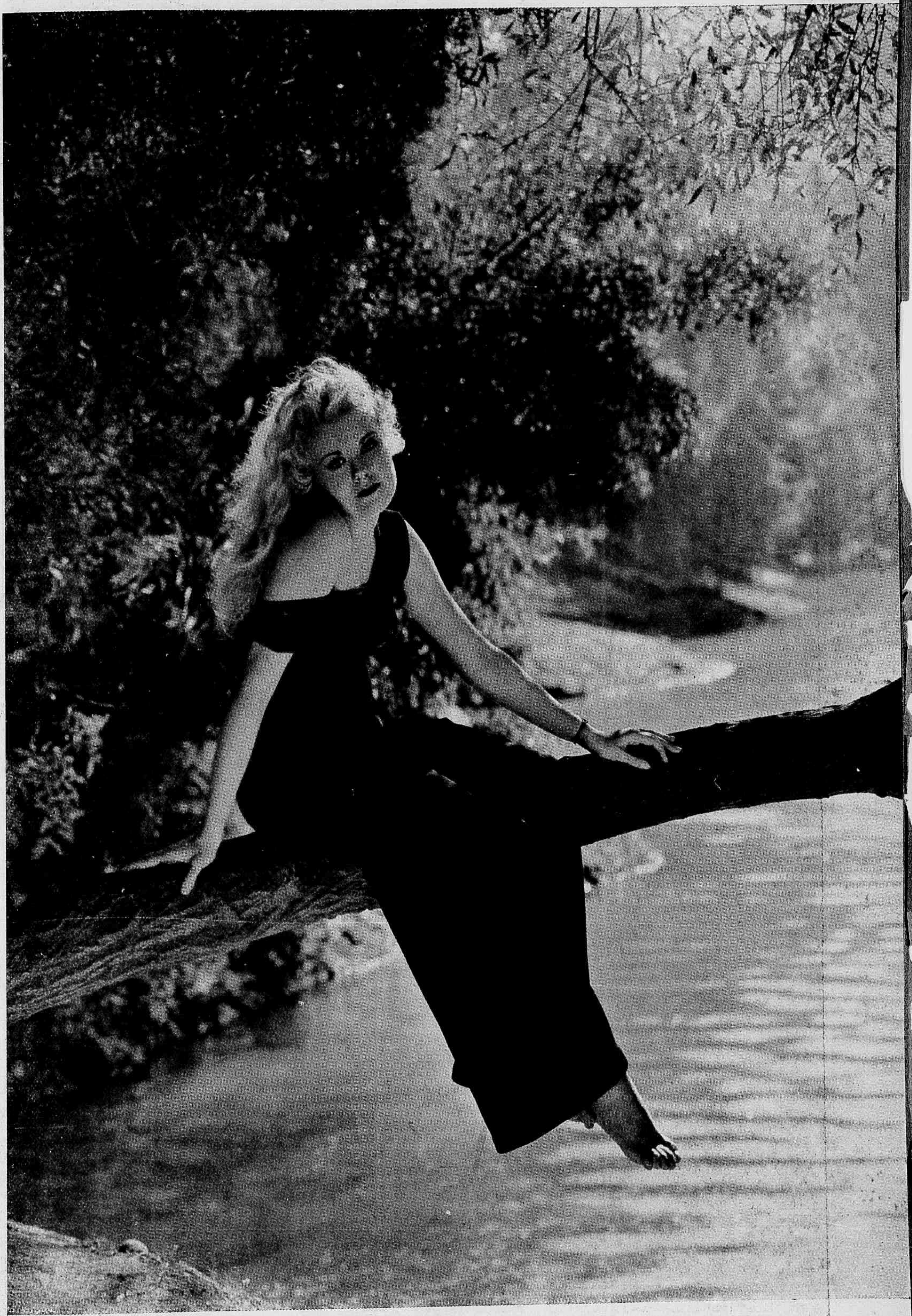
O humorismo de phrases é poucas vezes apreciado por Greta Garbo. Não sendo muito familiar com a lingua americana, naturalmente ahi encontra a difficuldade para penetrar a graça local de um desenho ou uma piada. Quando a piada é desenhada, ella se diverte muito com o desenho e é por isso que não deixa de comprar nenhuma revista desse genero.

Quando se inaugurou o novo restaurante do Studio, hoje já muito conhecido, disseram a Greta Garbo que lá havia um "spaghetti" notavel. Ella, que gosta de macarrão, principalmente quando bem feito, pediu que a levassem lá á tarde daquelle mesmo dia. Assim o fizeram e quando a pequena a veiu servir, reconheceu-a. Dahi para diante, nervosa em extremo, a pequena não teve mais calma e, quando chegou a vez de servir á grande **estrella** o seu prato de "spaghetti", tremeu tanto que acabou jogando quasi meio prato sobre o vestido della. Quando todos esperavam que ella

**(Termina no fim do numero).**

Lynn Fontaine e Alfred Lunt

Lynn maquillando-se

Um casal de Brodway

Joan Marsh

ANNA
MAY
WONG

Traducção Japoneza de Lelita Rosa, feita em Hollywood

Esta é Mona Goya

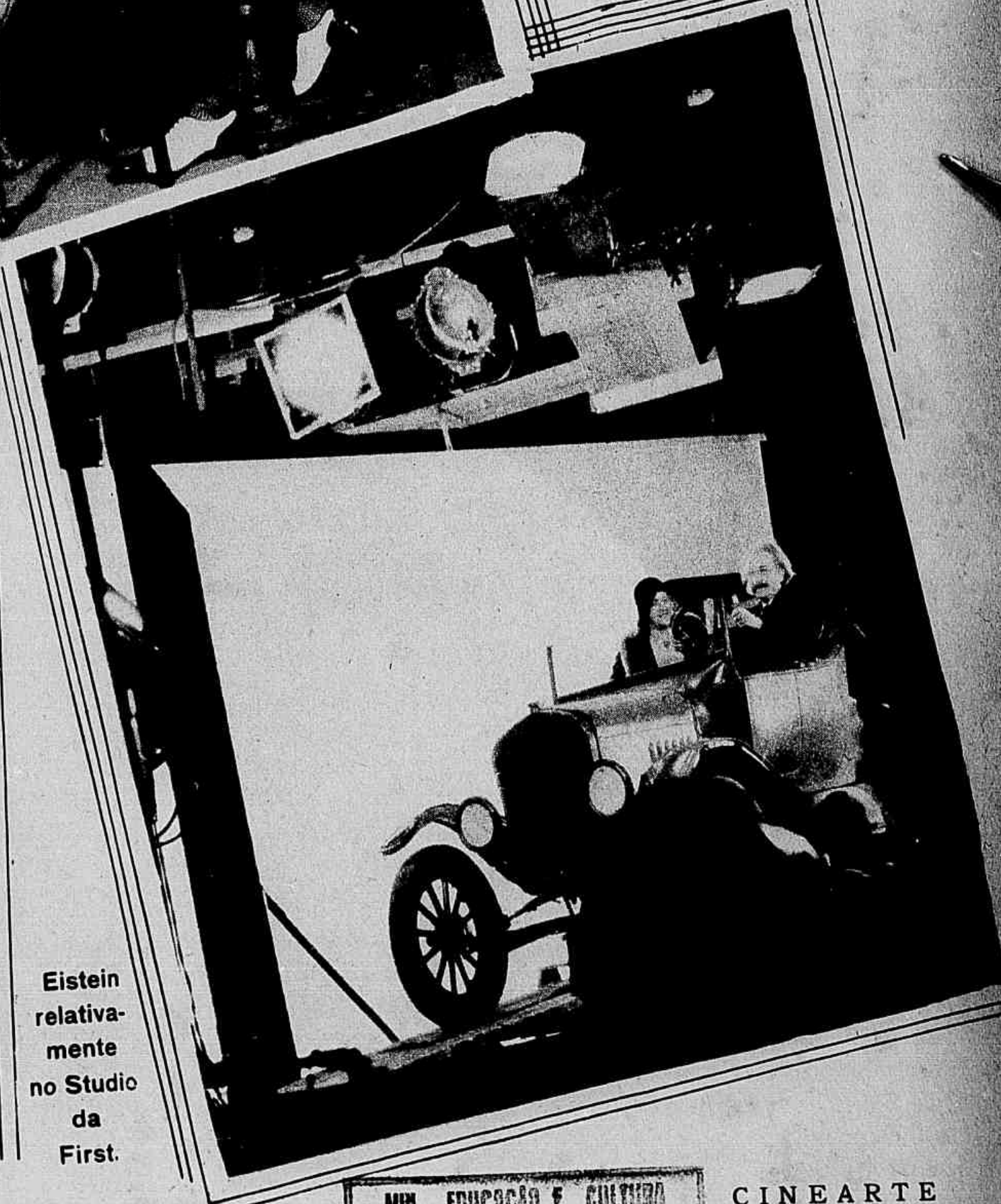
A Europa em Hollywood

Raquel Torres, Robert Montgomery e o telephone.

Jogando na casa de Sue Carol...

Lew Ayres na hora do almoço.

Buster Keaton e Paul Morgan

Eistein relativamente no Studio da First.

nhia distincta e fina. Muitos eram os amigos que lhe abriam as portas dos lares e offereciam, mesmo, recepções em seu nome. Quando elle se fez artista, a differença foi nenhuma. Transportou-se elle da sociedade de San Francisco para a melhor sociedade de Hollywood, com uma vantagem para elle: — a sociedade de Hollywood é mundialmente celebre e a de San Francisco, apenas celebre lá mesmo e espalhada, essa fama, num curtissimo raio de acção.

Os aspectos aristocraticos, finos, mesmo, de Virginia, Sue e Jean, tornaram-nas em pouco celebres. Todos quizeram immediatamente saber de onde vinham e para onde iam. Interessaram-se pe-

# Carole é

los seus passados, presentes e futuros. Puzeram-se a disposição das mesmas. O que ficou provado, depois da analyse e do peneiramento ao qual qualquer figu-

Hoje, Hollywood tem uma nova *leader* na sua sociedade. Carole Lombard. Qualquer scenario de Film que peça uma pequena educada, fina, distincta e rainha na elegancia, pede insensivelmente Carole para sua protagonista. Mesmo fóra das cogitações da tela mantem ella esse ponto. Gosa de fama social tanto nos Films como fóra delles e isso é uma innegavel victoria para a pequena Carole, tão linda, tão sensual e fascinante.

O primeiro batalhão social de Hollywood, compoz-se de June Collyer, Sue Carol, Jean Harlow, Natalie Moorhead e Virginia Cherrill, com Lawrence Gray representando o sexo masculino. E' possivel que nos tenhamos esquecido de alguns nomes, mas para isto não vem ao caso. Estas, são pequenas esplendidas que vieram de New York, Chicago e Philadelphia. Vinham da boa vida para o Cinema. Isto é: — deixavam a sociedade, a commodidade de um lar e a desoccupação natural a toda pequena de sociedade, para Filmarem os argumentos seus ideaes. Isto alegrou Hollywood. Hollywood é muito cheia de orgulho para toda e qualquer pequena que não tenha certo nome social e certa distincção no porte...

Durante annos, Dorothéa Hermance, hoje June Collyer, impressionou a plebe por mostrar que sabia escolher o garfo certo no meio de tantos que se põem deante da alta sociedade e, tambem, por saber apresentar-se e ser apresentada a gente fina sem dar ratas ou commetter erros imperdoaveis. Por tudo isso, Hollywood nomeou-a immediatamente uma de suas legitimas representantes deante das melhores sociedades do mundo. Ella suggeria espontaneamente sociedade e distincção. E' dessas que suggere logo ter nascido em Park Avenue e traz, na pronuncia, um sotaque levemente inglez, o que quer dizer, logicamente, levemente aristocratico.

Lawrence Gray, filho de uma antiquissima familia de San Francisco, fez muita gente feliz com a sua compa-

ra de sociedade é em Hollywood sujeita, foi que tratava-se de pequenas que tinham certa posição,

na vida e que vinham de familias arranjadas e que jamais haviam conhecido a palavra trabalho a não ser naquelle momento em que iam "trabalhar para o Cinema". Depois da violencia dos primeiros rumores, como no caso de June Collyer, tudo cessou. Socegaram os falatorios e silenciou-se em torno dessas figuras. Hollywood ficou esperando outras de iguaes sensações.

As sensações de hoje, reveladas pôe agentes de publicidade que conhecem o officio e não "comem gato por lebre", são Carole Lombard, Ruth Weston, Florence Britton, Adrienne Ames e Ruth Hall.

Carole Lombard é a mais notavel dessa nova lista. Todos sabem, em Los Angeles, que ella frequentou o collegio Marlborough, o mais caro de toda costa do Pacifico e o mais aristocratico, por isso mesmo. Sabem, ainda, que como Carol Jane Peters ella já tinha qualidades de dama aristocratica invejaveis. Quando, aos dezoito annos, prompta estava para iniciar a sua carreira na sociedade, carreira essa que teria sido notavel, com certeza, decidiu ella, aborrecida de tudo aquillo, mudar radicalmente os rumos da sua existencia e foi por isso que entrou para o conjuncto Mack Sennett de comicos, como banhista e não se sabe, até hoje, de ninguem que tenha censurado a pequena por causa dessa sua decisão.

# Aristo-cratica...

*(Esta linda photographia de Carole veio especial para "Cinearte")*

Carole tem tudo quanto alguem imagina para uma finissima pequena de sociedade. Da voz aos habitos, do physico aos costumes. Depois de ter entrado para o Cinema, então, a madame William Powell ainda mais se refinou. Hoje, sem duvida, o seu nome é dos mais acatados nas rodas da sociedade de Hollywood e, tambem, nas de Los Angeles e talvez pelo mundo todo. Ella é de sociedade, não tanto por ter sido de sociedade o seu passado e, sim, mais talvez por ser a pequena distincta, fina e culta que é e todos reconhecem ser, com unanimidade. Depois della, segue-se Florence Britton. Sahida do collegio Ranson, de Berkeley, California. Deste para a Universidade californiana e, della, para os Films. Florence é realmente distincta e, na apparencia, lembra, realmente, alguem que tem muita linha e muita distincção.

# O HOMEM

| | |
|---|---|
| **WILLIAM POWELL** | Michael Trevor |
| Carole Lombard | Mary Kendall |
| Wynne Gibson | Irene |
| Guy Kibbee | Harold Taylor |
| Lawrence Gray | Frak Thompson |
| Andre Cheron | Victor |
| George Chandler | Fred |
| Tom Costello | Spade |

Director: — **RICHARD WALLACE**

Para Michael Trevor, Paria era uma "mina"... Sim! Elle não trabalhava, não tinha rendimentos e, no emtanto, vivia com os bolsos cheios de notas grandes e passava os seus dias todos cercado do maior e mais requintado conforto.

A explicação é simples. Michael Trevor passa por industrial americano, muito rico, que se fez escriptor e passa os seus dias em Paris gastando o seu dinheiro e procurando inspiração para suas novellas... E' logico que a explicação não pára aqui... Agora, por exemplo, elle procurou o millionario Harold Taylor que se acha em Paris. Como patricio e como figura distincta que é, Michael Trevor tem todas as portas abertas para elle... E procurando-o, teve com elle uma conferencia a portas fechadas.

— E' o que lhe digo, Mr. Taylor!

— Mas crê que o jornal publicará isso?...

— E nestes termos...

Arrematou Trevor, passando ás mãos de Taylor uma prova de jornal, que trazia comsigo. Era uma historia pouco moral, exagerada e escandalosa de uns tantos passos em falso que Taylor déra em Paris. A sua companheira era uma tal "loira muito conhecida" que outra não era sinão a "isca" de Trevor nos seus manejos, a sua ex-amante Irene e sua actual companheira de trabalhos. Ao cabo da conversa toda, com um cheque de cinco mil dollars na mão, Trevor retirou-se. Taylor dera-lhe a importancia "para ver se conseguia comprar o jornalista e aquella edição toda" e, isto, como um favor que elle ainda ficava devendo a Trevor e que ainda esperava pagar um dia...

E era esse o seu "truc" usual. Vivia de chantages, mas chantages bem feitas e intelligentes que tinham a vantagem que, quasi sempre, conservar o "paciente" ainda seu amigo e reconhecido, o que era mais engraçado...

Em casa, juntamente com Irene, contavam os lucros, repartiam os quinhões e punham-se novamente a farejar "americanos" que se estivessem divertindo em Paris... Elle atacava as mulheres e Irene os homens. Aquelle que "pegasse", deixaria o outro para agir em torno da remuneração.

Jamais a policia lhes havia posto mãos e nem siquer podiam conta os mesmo a alegar qualquer cousa. Irene não era mulher escandalosa e nem Trevor um cavalheiro deshonesto. Frequentava os melhores meios e só atacavam americanos.

Do conhecimento que por essa forma Trevor travou com Taylor, seu dinheiro e sua boa camaradagem nasceu, depois uma amisade interessante de se imaginar, mas verdadeira e solida. Trevor, se bem não lastimasse ter "aliviado" a carteira de Taylor da importancia extorquida, não planejava mais nada a respeito desse bom amigo que conseguira e, ao seu lado, ia disfructando, pouco a pouco, a confiança de um conterraneo desprevenido, honesto e bom. Foi apresentado á sua sobrinha, Mary Kendall, uma criatura esplendida, fascinante e lindissima e ao quasi noivo della, o jovem millionario Frank Thompson. Tornou-se intimo da familia e tanto mais intimo se tornava, quanto mais interesse seu coração gerava por Mary. Ella não apreciava Frank ao ponto de o amar. Achava-o demasiadamente material, muito negocista e pouco amoroso. Trevor, para ella, ia tomando tambem o seu vulto. Elle era de uma distincção sem par, c

prosa amena e intelligente, de gestos sobrios e puramente educados. Chegou a pensar que elle fosse francez... Além disso, a historia que o tio lhe contára, "disfarçada", é logico, da gratidão que lhe ficára devendo, por si só bastava para recommendar Trevor aos seus olhos.

Em pouco tempo, approveitando a ausencia de Frank, que, em Londres, tratava ainda de negocios, faziam-se intimos. Trevor, via nella uma nova "chantage" provavel. Ao cabo de poucas semanas comprehendia que a amava profundamente e sentia, o que era ainda mais grave, que ella correspondia integralmente ao seu affecto.

De facto, Mary amava-o. A principio fôra uma simples curiosidade. Depois sympathia e, juntos a cada momento, amava-o immensamente e já sentia que Frank era um minusculo ponto do seu passado que ella esqueceria como se esquece um par luvas usadas... E a aventura proseguiu. Avolumou-se o affecto delle por ella e no dia em que se beijaram pela primeira vez e trocaram a promessa de um casamento proximo, só ahi é que Trevor sentiu o tamanho do golpe que estava dando.

Naquella noite, pensou contar tudo a ella. Mas sentiu que seria a sua desgraça irremediavel. Pensou contar a Taylor. Seria fatalmente posto pela porta afóra... Em soccorro dos seus pensamentos accudiu Irene. Era a unica que o poderia aconselhar, naquelle instante...

E ella que não era má e o amava realmente, teve para elle, palavras de intensa sensatez. Mostrou-lhe o erro daquella união. Que se Mary o amasse, realmente, elle não devia desgraçar com uma união tão desigual e desagradavel, a de uma menina de sociedade, distincta, honesta e amorosa, a um "chantagista" de passado manchadissimo... E que se elle realmente amava aquella mulher, devia esquecel-a pela felicidade que desejasse a ella...

Trevor comprehendeu o quanto tinha razão a experiencia daquella mulher. Irene tinha sido muitos annos sua companheira e elle sabia o quanto ella conhecia o seu intimo... Naquelle mesmo instante planejaram um novo golpe sobre os haveres de Taylor. Elle o ameaçaria com um escandalo em torno do nome de Mary, sua sobrinha e com certeza a propina seria gorda. Além disso, serviria tambem isso para desilludil-a completamente a seu respeito e, dessa fórma, de uma cajadada matariam dois coelhos.

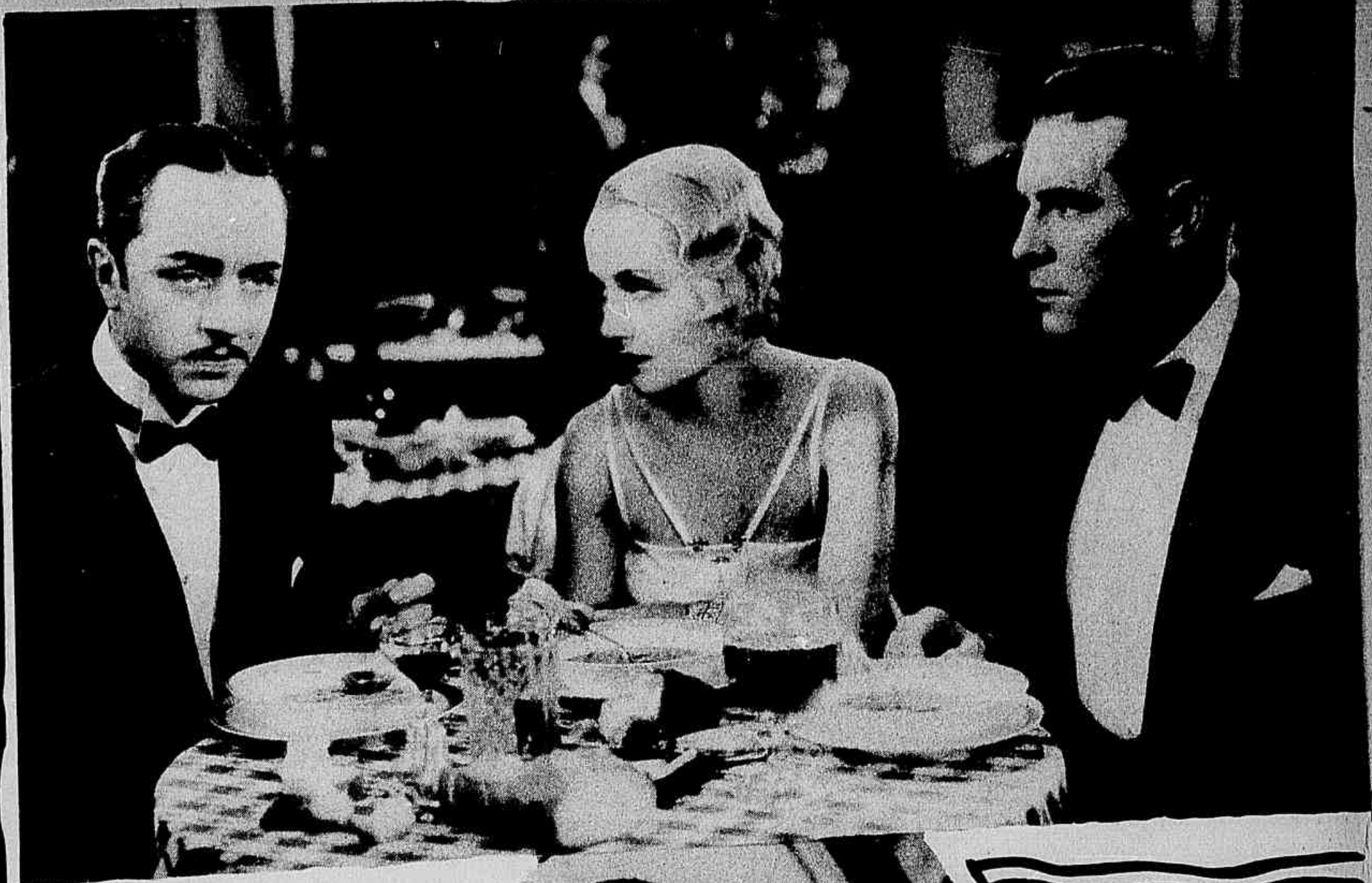
No dia seguinte, Trevor poz-se em campo para execução do plano e Irene, para mais certeza ainda ter da victoria do seu plano, victoria da qual dependia a sua propria felicidade futura, talvez, avisou a policia do que se passava e a poz ao corrente de onde se encontraria Trevor depois do "assalto" a Taylor.

* * *

**do Mundo**

Trevor usou de poucas palavras deante de Taylor e Mary Kendall.

— Eu sou um "chantagista", Mr. Taylor e já tive a grata satisfação de receber cinco mil dollars seus por um negocio do qual eu mesmo fui o gerente e o "cobrador"... Agora apaixonou-se por mim a sua sobrinha Miss Kendall. Já a beijei varias vezes e andamos sozinhos e juntos á vontade. Peço-lhe, em troca de um escandalo, dez mil dollars. Concorda?...

Taylor não teve nem palavras para retrucar. Mary falou por elle e reduziu, ali mesmo, Michael Trevor á expressão mais simples. Falou com impeto, com agonia, com soffrimento. Mais do que ella, soffria Trevor, mas fingia admiravelmente o seu sentimento e levou o cynismo até ao fim. Assim que teve o cheque, retirou-se. Levava o dinheiro e, tambem, a certeza de que nelle jamais pensaria Mary Kendall, a unica mulher que elle realmente amára, na vida...

Em casa, a policia o esperava. Intimado, compareceu a chefatura.

— O senhor tem vinte e quatro horas para retirar-se do territorio Francez. Os de sua profissão, quando são francezes, prendemol-os O senhor é americano e nós só podemos pol-o daqui para fóra. Já basta os nacionaes...

Trevor retirou-se. Irene esperava-o Emquanto elle se preparava para seguir, ella confessou que fôra ella que o denunciára. Nas suas palavras, no emtanto, Michael leu a dedicação e o amor que iam pelo coração daquella mulher a dentro. Convidou-a para partilhar da sua vida. Ella acceitou. Juntos tomaram o navio que os conduziria á Africa do Sul e á redempção de suas almas...

No caes, dois navios largavam. Um, com Taylor, Mary e Frank, agora noivo com tada de casamento marcada, para os Estados Unidos e, o outro, para a Africa do Sul, com Trevor e Irene.

O que nos sentimentos de Trevor e Mary ia, apenas elles proprios poderiam contar. Mas a consciencia daquelle homem que até então não a tivéra, estava tranquilla: — praticára o acto mais humano e mais decente da sua vida... Antes do navio partir, em centenas de pedaços partiu elle o cheque que lhe déra Taylor. Do outro lado, na amurada do outro navio que tambem largava, Mary, triste, promettia a Frank acceital-o como esposo, tão cedo chegassem a Pittsburgh...

(UM SENHOR MUNDANO)

Greta Garbo faz bem: — afasta-se da turba. Conserva-se mysterio. Faz-se pensada, imaginada e nunca se dá em verdade ao julgamento de ninguem. Constance Bennett tambem faz bem de conservar sempre bem erguidinha a sua cabeça loira e altiva. Mary e Douglas, outrotanto, continuando a receber gente nobre e gente "chic" na Pickfair que elles tão orgulhosamente conduzem, juntos, ha tanto tempo. Não podemos deixar de tambem citar Ronald Colman e a sua fama de ermitão que não cede e nem muda de idéas...

Com qualquer um isso é natural. Acham o que essa turma faz, muito bem. Ninguem censura. Ninguem acha excentrico. Todo mundo acha natural o que essa gente faz e a censura do publico e dos collegas, para elles, não existe.

Para conseguir isto, no emtanto, o terreno precisa ser trabalhado, bem trabalhado, muito e muito cultivado. Foi neste particular que Ivan Lebedeff, a pessoa em questão, errou... Emquanto elle procurava o seu primeiro emprego em Hollywood e queria entrar para o rol dos artistas, já trazia polainas nos sapatos e não largava a sua elegantissima bengalinha... Todos o viam curvar o dorso e beijar as mãos das senhoras ás quaes era apresentado. Ainda era "extra" e todos começaram a achar que aquillo, para um "extra", era exaggero e muito pedantismo. Hollywood olha muito depressa e julga ainda com maior rapidez. E o julgamento foi o seguinte: — elle não tinha, absolutamente, o direito de trazer á mão uma bengala tão elegante e nem beijar mão de senhora alguma, principalmente sendo elle o "extra" que era e andar talvez passando fome... Afinal de contas, quem pensava elle ser? Em resposta, elle disse que era um principe russo do mais legitimo. Um authentico sangue azul! Que tinha sido muito considerado na côrte do ex-Czar e que o seu nome era um dos que se achavam gravados no livro de velludo da mais pura aristocracia russa. Mas onde fôra elle desco-
pura aristocracia russa. Mas onde fôra elle descobrir esse negocio? Todo russo de Hollywood, afinal, vivia dizendo a mesma cousa que agora elle affirmava como uma cousa muito importante e muito digna de observação...

IVAN E O SEU PROFESSOR DE ESGRIMA, CORONEL OLFERIEFF!

E foi, dahi para diante, que esse homem alto, que se dizia principe e sangue azul, começou a ser, em Hollywood, o homem menos comprehendido da Cidade. Antes delle vencer, já sahia á rua de bengala e polainas... Imagine-se se vencesse... Todos o qualificaram, logo, como uma especie de "fóra da lei", ali. Uma revista enviou ao estrangeiro a historia ironica do "principe russo de Hollywood". Ao contrario do que elles pensavam, no emtanto, Ivan Lebedeff não tinha ainda começado a contar a sua verdadeira vida de experiencias sociaes e aristocraticas... A resposta que a Europa mandou, foi esmagadora: — elle era, realmente, tudo quanto declarara e, ainda, muito mais do que aquillo e que calara, naturalmente por modestia.

A graça do "caso", no emtanto, cahia sobre elles que tinham feito a pilheria com Ivan e, assim, jamais publicou-se a verdadeira verdade que elles sabiam sobre Ivan Lebedeff e que não podiam dizer para que não se risse o publico delles proprios, em vez de se divertirem a custa do elegantissimo russo. Eis uma das cousas que Hollywood ás vezes faz aos seus estrangeiros que lutam honestamente pelo successo... Admittiram

# O homem menos

que tinham laborado em erro, mas apenas conversavam isto entre si mesmos e jamais deixavam que a verdade escorregasse para o publico...

O mais engraçado, ainda, é que elle, apesar disso tudo, ia vencendo. Ia sendo, pouco a pouco, encaminhando para o posto de "astro"... Suppõe-se, logo, que muitas mulheres o admirem.

# comprehendido de Hollywood

Do outro lado, no emtanto, são inumeros os homens que não o suppor-tam... E o que será que os "fans" apreciam tanto no Lebedeff que Hollywood aborrece? Talvez eu possa explicar... ....

Hollywood jamais teve o trabalho de procurar conhecer alguem. Começaram a rir do seu systema de "beija-mão" e troçaram abertamente das suas polainas. Pessoalmente, no emtanto, jamais quizeram ter o trabalho de o conhecerem. Contentam-se em ficar á distancia e de lá commentar. E logo a elle, um "gentleman" de real descendencia. Além disso, comparavam-no, sempre, aos outros de Hollywood e não achavam muita semelhança, realmente... Quasi foi "boycotado" e se tal não se deu, deve-o elle á sua propria energia e ao seu estimulo ao enfrentar as lutas da sua vida, sejam ellas as maiores e mais intensas.

Se elle fosse americano, ainda passava, mas Lebedeff era russo.

(Termina no fim do numero)

IVAN GOSTA DE CONSULTAR CARTOMANTES. ESTA E' A SNRA. MINNIE FLYNN.

MARLENE CHEGOU A PENSAR EM VOLVER A ALLEMANHA...

# A MAIOR AMEAÇA ás "Estrellas"...

JOAN Crawford está soffrendo do mal. Lew Ayres e Clark Gable, tambem. Marlene Dietrich e Nancy Carroll, idem William Haines já soffreu do "mal". Adolphe Menjou quasi arruinou a sua carreira toda por causa "delle". Já vimos, tambem, o que esse "mal" fez a Eric Von Stroheim, Jetta Goudal e Belle Bennett...

O primeiro symptoma é o resentimento de todo aquelle que se vae tornando celebre e não tem a sufficiente força para supportar as criticas e os commentarios sobre suas pessoas. O artista é geralmente mal comprehendido. Não é apreciado, devidamente. A sua corrida até ás alturas da fama é abrupta e extasiante. Elle, assim elevado subitamente ás alturas, fica sem saber como se manter nas mesmas e nem o que fazer. Ahi torna-se medroso e, em seguida, começa a suspeitar de todo mundo que o rodeia. Depois entra o periodo final: — elle desconfia de todo e qualquer individuo que delle se approxime, seja para o que fôr. E' o seu "fim", realmente, se não toma cuidado e não tem forças moraes sufficientes para se insurgir contra o terrivel "mal" que ataca a toda classe de Hollywood...

Joan Crawford não hezita em dizer que, quando vê duas pessoas conversando proximas á ella, numa festa ou antes de uma "première", logo imagina que estejam conversando a respeito della, criticando-a, rindo-se á sua custa. Possivelmente, tambem, tramando qualquer intriga que affecte a sua vida privada ou artistica... Ella, hoje, já chegou a se convencer que existe, em Hollywood, uma "quadrilha" que jurou a si mesma arruinar o seu casamento... Tambem affirma que está radicalmente inteirada de toda e qualquer intriga que se faz della e do quanto manobram, dizendo ser para o seu bem, afim de tornarem Douglas Jr. suspeito diante dos seus olhos. Ella aborrece o facto de não ter tido Films ainda melhores do que os que tem feito e attribue a qualquer cousa premeditada, "pensada de proposito para a prejudicar" o não ter ainda conseguido opportunidades mais salientes.

A parte mais difficil nisso tudo, é distinguir, a primeira vista e com precisão, o que ha de imaginario e verdadeiro nisso tudo. Joan soffreu muito na vida e já amargou bons momentos no seu passado. O perigo enorme desta sua situação presente, é que ella chegue a crer, com a alma, que realmente todos estão contra ella e dê corpo e alma toda sua imaginação fertil em suspeitar, no mais insignificante detalhe, um inimigo della. "Joan corre um grave perigo!" Esta é a verdade.

Clark Gable já está mostrando symptomas do mal. Quando Clark veio ter a Hollywood, ha pouco, para de novo tentar o Cinema, era um rapaz jovial, amigo dos amigos, hospitaleiro e muito relacionado. Sempre se mostrou grato á publicidade que delle se fez e até boas idéas forneceu áquelles que o quizeram auxiliar falando delle. Na sua casa de Malibu Beach deu boas festas e frequentou, com real prazer, outras tantas que se offereceram em sua honra. "Mas tudo já mudou". Já se tornou retrahido e exquisito. Não mais apparece em publico e evita encontros com estranhos. Desde que lhe começaram a dar o rotulo de "grande amante", tem evitado tantas entrevistas quantas possiveis e, principalmente, as com jornalistas-mulheres. Elle teme que ellas, estejam a cata de um "super-homem" e, vendo-o pessoalmente, desilludam-se e, depois, tentem uma chantage que lhe custe cara. Não se tem mais divertido e nem tem recebido amigos em casa. O que ha?... E' o "mal" de Hollywood que já o atacou tambem...

Nos dias que correm, Lew Ayres tambem acha-se em situação bastante embaraçosa. Depois que elle terminou "Sem Novidade no Front", atacou-o o "mal", immediatamente. Sentiu-se immediatamente mal com os Films que lhe deram e começou a temer, apavorado, pelos que lhe iriam dar. Dahi para diante, peor ainda, começou elle, claramente, a crer que dentro do proprio Studio havia uma "corrente" inimiga que trabalhava para o arruinar... Tal foi o seu estado de tensão nervosa e tal o pavôr que elle sentiu pelo ambiente que elle proprio criou em redor de si, que quando Filmava "Por Uma Mulher", não trepidou em dar um tremendo estouro um dia, numa Filmagem, berrando para quem quizesse ouvir que aquelle papel lhe haviam dado, "propositalmente", "unicamente com o fim de o arruinar". Isto chegou aos ouvidos do productor e elle riu-se.

— Então estariamos deliberadamente arruinando o seu futuro, a sua carreira, depois de termos gasto mais de um milhão de "dollars" para estabelecel-o no conceito publico geral? Nós gastamos dinheiro com Lew Ayres. Queremos que seu nome melhore, sempre e sempre, até que nos dê o lucro que esperamos do seu trabalho. E' uma tolice sem nome!

A explicação foi tão logica que elle melhorou. Não sarou, mas melhorou, incontestavelmente e para seu proprio bem...

Eric Von Stroheim tambem foi assim. O director-artista, famoso pelo seu realismo e pela sua intelligencia invulgar, poz-se a ver sombras por todos os cantos e inimigos em todos os logares. Disse, tambem, que "tramavam" contra elle. Até hoje ainda scisma que é espionado e attribue esse movimento "contra elle" a um espirito de arrasamento que diz haver contra elle.

— Por eu ser "direito" é que elles me perseguem!

Diz elle.

— Sinto-me o unico homem "certo" em Hollywood e é por isso que todos os outros me querem arrasar...

No emtanto, muito dinheiro lhe foi dado em paga do seu talento e opportunidades não lhe têm faltado. Mas nem mesmo os genios escapam ao "mal" de Hollywood... Lew Ayres devia mirar-se no exemplo de Von Stroheim.

Nancy Carroll tornou-se tão agressiva, tão ousada em relação aos papeis que lhe deram, que quasi perdeu seu emprego. O caso de Jetta Goudal, com dois annos de vida, servir-lhe-á de bom exemplo... Jetta tambem foi aggressiva e ousada. Foi violenta pelos seus ideaes. Tão eloquente foi ella na defesa dos seus interesses que Cecil B. De Mille, seu patrão, perdeu a cabeça e cancelou-lhe o contracto embora pagando a multa. Mas a "lista negra" ahi cahiu tremendamente sobre ella e o que tem feito, dahi para diante, tem sido superficialissimo... Que se mire nesse espelho a nossa amiguinha Nancy Carroll...

Marlene Dietrich sente-se tão maguada, tão aborrecida, ultimamente, que tenciona não regressar da Allemanha quando de novo para lá fôr. O caso succitado por Riza Von Sternberg, esposa do seu director Josef é motivo para isso. Na verdade não é culpa sua, mas é realmente desagradavel ser tida como "alienadora de affeições matrimoniaes". Assim que Marlene poz os pés em Hollywood, sentiu-se que ella era uma criatura franca, sincera, deliciosa. Depois começou o falatorio. Que ella imitava Greta Garbo. Que seu marido era tão bom cozinheiro e serzidor de meias quanto ella artista... E agora, finalmente, este caso. Mas não teria sido a invasão do "mal", dentro della propria o occasionador disso tudo?...

Mary Astor disse que a noticia vehiculada do seu casamento com o dr. Thorne foi uma cousa "feita de proposito para prejudical-a".

Aos ouvidos de Richard Arlen e de sua esposa Jobyna Ralston chegaram certos rumores contra elles ditos em Hollywood. Immediatamente elle começou a dizer que "alguem" estava agindo para prejudical-o... E' a eterna idéa do pessoal de Hollywood: — "alguem". Não procuram descobrir os "porques". Atiram logo para as costas largas do tal "alguem" o peso todo da responsabilidade...

Quando se declinou pela primeira vez a noticia que Constance Bennett andava muito na companhia do Marquis de la Falaise, revoltou-se ella contra a mesma e logo disse que "alguem" estava tentando prejudical-a propositadamente... No emtanto ella propria continuou o "flirt" e hoje todos já sabem que elles acabam mesmo é casando...

William Haines um dia scismou que "alguem" estava agindo contra ella. Esse "alguem" queria pol-o na rua para collocar Robert Montgomery no seu logar... Quando a M. G. M. renovou recentemente o seu contracto, melhor e maior, agora, achou elle que o tal "alguem" era mesmo apenas uma hypothese sua...

(Termina no fim do numero)

# Pergunte-me outra...

CARLOS BARBOSA — (Recife-Pernambuco) — Sim, Hollywood é uma especie de bairro de Los Angeles, na California. O Studio da Universal, propriamente, não fica em Hollywood, porque só esse Studio é novo bairro, formando, pela sua area, quasi uma cidade e bem grande, por signal.

CELY NOMARA — (Rio) — Muito grato, Cely, pela sua gentileza para commigo e CINEARTE. Retribuo seus votos e quero que o anno corrente venha encontrar realizados os seus sonhos e bem alegre a sua vida perfumada.

YVONNE VALBERT (Franca-S. Paulo) — Ora, você, tambem, ficou contente demais por causa de uma cousa tão pequenina, tão sem importancia, Yvonne! De toda fórma, alegrou-me saber que ficou mais feliz um pouco com aquella insignificancia. O mesmo eu sinto por você: — muita amisade. Pois se ella lhe levou tanta felicidade, mais contente eu ainda fico. Pois esperarei e desde já lhe agradeço o trabalho que vae ter. Se é verdade o que me conta sobre esse professor (isto é, se é verdade o que elle diz) porque não pergunta cousas bem interessantes, pede-lhe um retrato e escreve um artigo sobre isso. Naturalmente o Gonzaga publicará, pois trata-se de uma cousa realmente interessante. Valeu? Já agradeci em seu nome ao Waldemar. Sim, quando houver, sahe, sim. E' o Sven, lá de Curityba, apreciou o que você disse de Greta Garbo. Elle é outro que a admira muito. (Amigo Sven, Yvonne agradece-lhe a saudação!). Sahirá assim que se approximar a exhibição do Film. Mary Polo escreveu outra sobre Greta Garbo, e a "Pagina" naturalmente transcrevel-a-á. Agradeço os votos pelo Natal e Anno Novo e retribuo-os de coração. Até logo, Yvonne.

ZYROPAZO — (Colatina-E. Santo) — Zangado? Não. Eu respondo sempre qualquer carta e mórmente as suas, Zyropazo, amigo de tantos annos. Paramount Publix Studios, Hollywood, California. Universal Studios, Universal City, California; Fox Studios, Western Avenue Hollywood, California. United Artists, North Formosa Avenue, Hollywood, California. M.G.M. Studios, Culver City, California. Até "outra", Zyropazo.

GAROTA REBELDE — (S. Paulo) — Felizmente você mudou um pouco de idéa... Mas acho que o anno corrente vae satisfazer plenamente a sua estima e o seu amor por CINEARTE. Espere... Fico satisfeito sabendo que ella melhorou e espero que sare completamente e nunca mais lhe dê o aborrecimento pelo qual passou. Mas se é que eu comprehendi bem o que disse, Garota, nada mais tenho a lhe dizer do que pedir que ameine o seu coração e tenha paciencia. Não adianta a revolta. Adianta a calma, a presença de espirito e o coração sem brumas. Assim, tenha certeza, será feliz e contente. Eu tenho muita vontade de saber que você é feliz. Não perca a esperança na vida. O que ella tem de ruim, compensa com inefavel ventura de ver, ouvir e falar. E você mereçe que ella a trate bem e a faça um dia bem feliz. Até logo, sim, Garota.

MAURY MOURA — (Nictheroy-Rio) Amigo Maury, agradeço os votos de bom Natal e feliz Anno Novo e converto-os para você. CINEARTE tambem agradece.

CHARLES SCARAMOUCHE — (Rio) — Agradeço e tambem em nome de CINEARTE, o seu cartão pelo Natal e para o Anno Novo. O mesmo desejo á você. Charles.

HEIVISU — (Valença-Rio) — Lembrome de você, sim e não me esqueço de nenhum dos meus bons consulentes. E não soffreu accidente algum durante a peleja? Se assim foi, congratulo-me com você. Pois quando venha até aqui, procure L. S. Marinho, no Studio da *Cinédia* e elle lho mostrará. Ainda mais á um bom *fan* vindo de fóra. Quanto ao resto, é uma questão de opportunidade e isso já é um assumpto a ser conversado na occasião da sua visita. Pela publicidade, de toda fórma, o Cinema Brasileiro fica-lhe grato e creia que você está fazendo uma campanha que é das mais nobres e elevadas que se possam para o Brasil imaginar. Pois quando tiver recortes, mande, que interessam. Diga ao empresario que escreva á *Cinédia* e de lá receberá a resposta. Não creio, no emtanto, que seja cousa impossivel de se accommodar. E' uma experiencia boa e, na parte de gravação, impeccavel, considerando-se difficuldades. Quanto ao resto, muitos erros e algumas qualidades. Em minha companhia, não garanto, Heivizu, por que sou occupadissimo e poucas vezes posso marcar um logar para encontro e lá estar. *Mulher*... tem sido exhibido aqui em varios bairros, creio que pelo tempo por você citado, estará no Fluminense, em S. Christovão. Depende da historia e dos ambientes dahi. Por que não manda algumas photographias dahi ou mesmo postaes? Creio que está satisfeito, não é? Até logo, Heivisu.

JERRY MOORE — (S. Lourenço-R. G. do Sul) — Dorothy Sebastian, ao cuidado de Bill Boyd (marido della), RKO-Pathé Studios, Culver City, California; Kay Francis, Paramount Publix Studios, Hollywood, California; Ronald Colman, United Artists Studios, Formosa Avenue, Hollywood, California. Lembranças ao Jim Marley...

URUTA'O — (PortoAlegre-R. G. do Sul) — Os commentarios sahirão breve num artigo só. Até outra, Urutáo.

RAUL RAMOS — (Baurú-S. Paulo) — Não é nada disso, Raul. O problema da distancia é o mais sério e tem sido explicado varias vezes e de sobra. Tenha calma e esperança no futuro. Nada de desanimos!

JOSÉ' VIVANI — (Dois Corregos- São Paulo) — Amigo José, o que disse acima ao Raul Ramos é isso mesmo que digo a você. A distancia é o maior impecilho, ás vezes, para se aproveitar um elemento esforçado e de merecimentos. De toda forma, escreva de novo e envie detalhes e photographia. Depois é ter paciencia e fé no futuro.

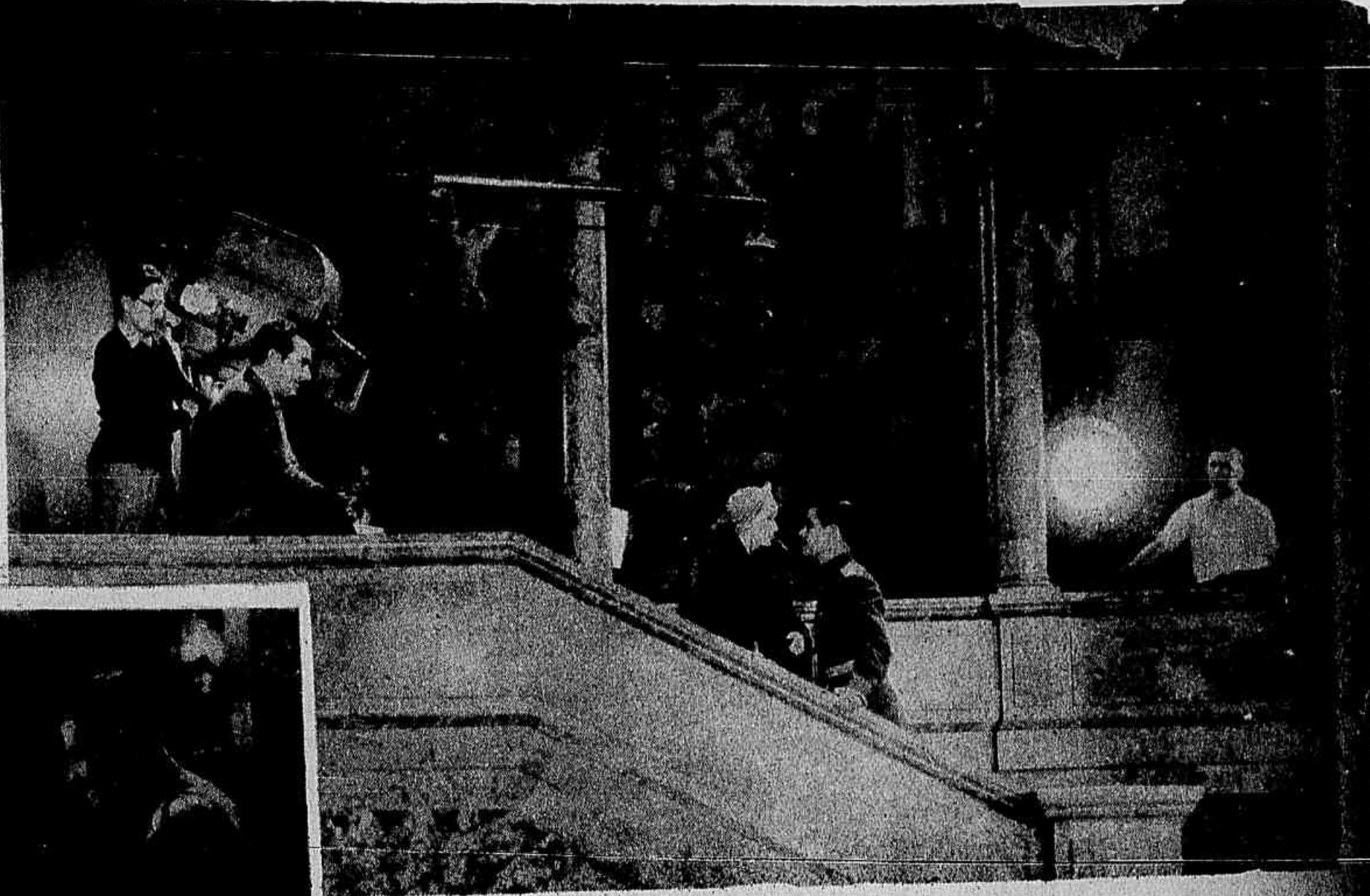
NEY CAMARA — (S. Leopoldo-R. G. do Sul) — O Gonzaga pediu-me para lhe dizer que recebeu e enviou ao departamento de scenarios. Quanto ao artigo, não adianta publicar, porque a tal entrevista é absolutamente apocrypha. Nem poderia dizer. São asneiras das grossas, apenas.

MARIO ROMUALDO — (Bello Horizonte-Minas) — Antes de mais nada, amigo Mario, grato pelo cartão de boas festas e feliz Anno Novo. O mesmo desejo á você e tudo vae com um grande abraço. 1.° — Aquella phrase foi com outro intuito e dita, apenas, por que havia muita cousa realmente boa e não percebida num exame rapido e mal humorado. Mas não permitte uma opinião sobre a sua opinião? 2.° — E' porque ha, nas entrelinhas, cousas que elucidam mais do que artigos... 3.° — Não comprehendo esta terceira pergunta. O que a originou? Sim, mas aquelle caso era de estar ella passando por "um" quando era "uma". Está agora explicado? Não pense, nunca, que uso de ironia nas minhas respostas. E' um systema que aqui não gosto de applicar e mórmente para bons e velhos amigos como você, Mario. Tire isso das suas cogitações, portanto. Sim, estão differentes e quanto a você não me achar, não admira, porque naquelles dias eu justamente estive resfriado e não foi possivel comparecer. Até "outro", Mario.

Hombre Mediocre — (Rio) — Você é dos bons e sua carta divertiu-me um pedaço. O final, então, é bem bom e você receba um aperto de mão. De resto, sua photographia foi posta no archivo e como você mora aqui mesmo, naturalmente em breve terá a sua opportunidade e, é logico, obedecendo á sua vontade de bom *fan*. Até outra, *Hombre*.

ARYTON — (Rio) — Agradeço as suas referencias e espero continuar merecendo essa estima que você e os meus outros amigos me dedicam. Tem razão: — "não faz mal". Deixe-os e vamos ver de quem será o ultimo sorriso... Mas eu nunca li Marden, Aryton e tambem tenho confiança nas minhas tropegas pernas... Volte sempre e espere com confiança o seu "momento". Um abraço e um até logo.

OLGA — (Rio) — Nós apenas fomos os primeiros a dar a noticia... que você verá confirmada quando o Film chegar... E elles mesmo já rectificaram a noticia.

PERY — (Pelotas-R. G. do Sul) — Recebi e agradeço. Continúa firme, Pery.

*Greta Garbo e Ramon Novarro em "Mata Hari"*

"Comprada"

O ULTIMO PELOTÃO — (Die Letzte Kompagnie) — Film da Ufa — — Producção de 1931 — (Programma Urania).

Não sendo normal a producção allemã, nunca se pode ir ao Cinema com a convicção de que se vae assistir um bom Film. A's vezes é um drama social pesado, cheio de adulterio e ambientes apenas para espiritos allemães, mesmo, ou europeus, em geral. Noutras, trata-se de uma comedia de pouca graça e typos mal escolhidos e poucas vezes photogenicos. Um Film allemão nestes dois generos citados, quando é bom, é bom de verdade e merece um especial destaque na producção mundial, immediatamente. O lado forte dos Films germanicos, no emtanto, é o historico. Nem os americanos fazem Films historicos como elles fazem. Com absoluta propriedade, com rigor historico, com indumentaria indiscutivel, com typos perfeitos dentro de papeis magistralmente desempenhados. Neste particular, tire-se-lhes o chapéo. Mas o Cinema tolera annualmente um ou dois Films historicos, no maximo e se exceder a esse numero, arrisca-se a cahir no desagrado geral do publico que vê um com interesse, dois com um bocejo e tres... não vê.

*O Ultimo Pelotão* é um Film historico. O seu lado forte, no emtanto, não é o feitio de narrativa de um acontecimento popualr nacional, no emtanto. O principal factor do seu successo e a sua primordial qualidade, é o lado tragico da sua narrativa, dentro de um scenario quasi perfeito e uma direcção bastante poderosa. Eis porque muito nos admiramos deante de *O Ultimo Pelotão*. Contavamos ver um Film historico bem feito. Nada mais. O que vimos, foi um Film cheio de arte, de vida, de drama e tragedia. Um trabalho que talvez tenha pouca bilheteria, mas um Film que deverá empolgar a todo *fan* que se preze de o ser.

A historia é bem simples. Treze homens, a sobra de uma companhia heroica. Recebem ordens para guarnecer um moinho que fica justamente entre um provavel ataque francez e a ponte pela qual baterá em retirada o exercito prussiano. O sacrificio é certo e os homens são trucidados no cumprimento do dever. Apenas isto. O tratamento deste episodio é que é o mais Cinematographico possivel e se não fosse ás vezes um excesso de canções e, noutras, um ou outro detalhe desnecessario, podia-se dizer, sem susto, que era um Film impeccavel. Mas é desses que nasceu para ser silencioso. Se fosse apenas magistralmente musicado e perfeitamente sonorizado, ganharia em valor. Fala, gritos, vozes e choro, sempre estragam onde tala a *camera* e "ouvem" os *fans*... Para exemplo disto, temos o *shot* inicial do Film, magistral, sob qualquer aspecto e apenas reforçado com o grasnar soturno daquelle corvo... Um campo de batalha depois de uma dellas, coalhado de cadaveres... *Shot* longo, todo silencioso, todo descripto pela *camera*. Quando entram as vozes, sente-se uma reacção exquisita e promptamente foge à espiritualidade dramatica toda que o apanhado inicial gêra no cerebro do *fan*. Nesse principio de Film é que se vê, claro, insophismavel, o quanto é eloquente a voz da photographia, principalmente quando é bem manejada. Outra scena perturbada pelo som, pela voz, é o momento em que Karin Evans confessa, nas lagrimas, que ama o Commandante que lhe dizia não ter ninguem que chorasse a sua morte... Uma scena que faria vir lagrimas a olhos de pedra... estragada pelo choro "sonoro" de Karin Evans e pelos dialogos... No emtanto, *O Ultimo Pelotão* não soffre de excessos de dialogos, não é, como Film falado, é esplendido.

O director merece creditos especiaes. Kurt Bernhardt, guiado pela mão engenhosa e admiravel de Joe May, apresenta um trabalho que o recommenda para o restante da sua carreira. Cuidou artisticamente do Film todo e dirigiu com extremá subtileza e pujança. Imprimiu expressões magistraes aos seus bonecos e fel-os moverem-se admiravelmente bem. Na escolha dos apanhados de machina, brilhóu, igualmente. Cortou com propriedade aquelle local insalubre e tectrico e pôz angulos falantes pelas suas sequencias todas. Nota-se que se apaixonou pelo scenario do Film e sente-se o seu ardor directorial no mais simples detalhe do Film. Recommenda-o, igualmente, o principio do Film que, artisticamente, é a cousa mais bonita que já vimos em Cinema. Sente-se que elle tambem influio na photographia que é toda absolutamente artistica e tambem foi muito feliz com as montagens que confeccionaram para o seu trabalho.

Melhor mascara do que a de Conrad Veidt, Kurt Bernhardt jamais encontraria para o papel de commandante. O papel pedia um homem que soubesse viver os instante mais violentos da vida de qualquer homem. Um homem que soubesse retratar, no rosto, a emoção de um commandante que resolve deixar-se trucidar, ao lado de doze companheiros que ama e sabe que têm familias e filhos, apenas para resguardar a retirada de um exercito, apenas para salvar a vida de alguns milhares de irmãos. De um homem que marque, no rosto, a emoção de amar, pela primeira vez na vida, justamente quando a morte lhe acena a pouca distancia, justamente quando tem certeza de tudo, menos de viver... Conrad Veidt vive esses momentos como nenhum outro viveria. Elle tem no rosto uma tragedia já estampada. Na sua testa larga, nas veias saltadas da mesma, nos olhos grandes, expressivos, na feiura sympathica, no seu todo longo, grande, comprido, que é berrantemente tragico, anormal, mesmo. Elle é o commandante. O Film é inteiramente seu. Não concede ao mais simples *extra* o direito de lhe roubar meio metro de Film. Em momentos como aquelle quando quer ir embora e comsigo levar os companheiros e elle lhe pergunta tragico, imperioso, se "alguma vez dera ordens insensatas", em momentos assim, então, torna-se impressionante. Ao seu lado, todos desapparecem, se bem que sejam, um por um, typos adequadissimos e esplendidos. Karin Evans é o typo da allemãzinha: — sincera, simples, affectuosa. Não será successo em outros Films, principalmente se forem modernos e de sociedade. Mas neste não encontraria outra que fosse como ella vae.

O Film é todo perfeitamente conduzido pelo scenario e direcção. Ergue-se. Caminha. Eleva-se. Assim que o commandante faz o moleiro e a familia se retirarem (as passadas do commandante, lá em cima; "aquelle tambem não encontra a paz", phrase que um soldado diz; o accesso de hysterismo de outro), sente-se a tragedia que ali vão viver. Cada *shot* daquelle poço cavado no lodo pegajoso, cada apanhado daquella estrada sombria em cujo lado opposto acham-se os francezes, augmenta a impressão tectrica do que ali se vae passar. E quando começa o ataque francez e a resistencia dos treze homens, o Film está devidamente preparado para receber essa sequencia e o publico tambem. Ella entra no devido momento e empolga! A entrada daquelles officiaes francezes que se descobrem e o *shot* mostrando todos mortos, inclusive a pequena Dore, terminando no farrapo da canção dos granadeiros composta por um dos mortos,

# A tela em

é outro exemplo de quanto fala o Cinema pela voz de qualquer *camera* agil e intelligente.

Ha, nesse *climax*, muita cousa realistica de Film europeu. (Aquelle soldado deitando sangue pela bocca, aos borbotões, por exemplo). Mas não chega a prejudicar o andamento do Film. Vejam.

Cotação: — MUITO BOM.

A GUARDA SECRETA — (The Secret Six) — Film da M.G.M. — Producção de 1931.

George Hill, o director de *O Presidio* e *O Lyrio do Lodo*, auxiliado pela sua hoje exesposa e então ainda-esposa, Frances Marion, uma das mais admiraveis e completas scenaristas que o Cinema americano possue, fez *A Guarda Secreta*. Nos seus dois anteriores trabalhos aqui vistos e acima citados, George Hill teve algumas falhas. *O Presidio* tinha aquelle elemento amoroso que era um joanete a deformar um gracioso sapato de verniz. *Lyrio do Lodo*, certas piadas proprias de comedias de sal grosso e não, dentro de um Film que tinha sequencias como aquella em que Marjorie Rambeau queimava, com o ferro de frizar, o rosto de Marie Dressler. *A Guarda Secreta*, no emtanto, para gaudio seu e dos que o admiram como director, é quasi perfeito. Dizemos "quasi", porque todo e qualquer Film sempre tem um ou outro pequenino defeito que não o deixam integro.

A maior qualidade deste, é o scenario admiravel que Frances Marion escreveu sôbre quadrilheiros e seus sicarios. Scenario que não foi tirado de nenhuma "peça" e de nenhuma novella ou romance. Feito originalmente para um Film e isto, em Cinema, sabe-se que é meio caminho andado para um Film ser bom. E' um scenario que aplainou todas as arestas e alizou todo o terreno que George Hill e suas "cameras" iriam percorrer. Continuidade escripta com Cinema do melhor e tendo, deste bom Cinema, as cousas mais admiraveis e mais admiraveis de todos os bons "fans" e tambem daquelles que sabem apreciar essa grande qualidade do Cinema americano com isenção de animo. O trabalho de Frances Marion é impeccavel. Nas ligações de sequencias, com motivos identicos. Na divisão das mesmas, sem nenhuma a mais e nenhuma a menos. Nos detalhes. No aproveitamento da mais insignificante parcella de ironia toda do thema e esparzindo-a pelo Film todo, em pequeninos nadas que George Hill soube comprehender e soube fazer e Harold Wenstrom photographar com muita belleza e opportunidade. Em summa: — um trabalho digno della e alguma cousa que, só ella, Frances Marion, poderia fazer assim perfeita.

O elenco, propriamente, não tem "astro" e nem "estrella". E' um conjuncto photogenico, unico, admiravel. De Wallace Beery, o ponto de partida, a Theodore Von Eltz, dono do menor papel, talvez, o elenco todo é equilibrado e nas mãos de George Hill, moveu-se, todo elle, esplendidamente. De Wallace Beery e Lewis Stone, os dois que trocam as primeiras honras do Film, podemos dizer que são ambos admiraveis. Wallace Beery na velhacaria e na sinceridade da sua representação que é impressionante de tão sincera e humana que é. Lewis Stone no cynismo impertuba-

vel, no canalhismo sobrio das suas attitudes, tambem representados com um lado humano impressionante. Ambos merecem as primeiras honras, se bem que o trabalho de Wallace seja maior e mais cheio de opportunidades, portanto. Ambos têm momentos muito bons durante o Film todo e sabem aproveital-os genialmente. Os demais, Clark Gable, num papel sympathico e sem importancia, todavia, John Mack Brown, a perturbadora, perigosa Jean Harlow, Marjorie Rambeau, Paul Hurst, Ralph Bellamy, aquelle rapaz de talho no queixo, John Miljan, De Witt Jennings, Louis Natheaux, Fletcher Norton e Murray Kinnell, bem, todos.

O Film é extremamente emmocionante e todo elle repleto de acção. Imaginamos o que teria elle sido se fosse silencioso e tivesse apenas musica acompanhando...

Cotação: — MUITO BOM.

# revista

RUAS DA CIDADE (City Streets) — Film da Paramount. — Producção de 1931.

Tres Cinemas da Avenida, esta semana, receberam visitas de quadrilhas de contrabandistas e assistiram ás consequencias funestas das mesmas com os respectivos castigos de fundo moralistas. "A Guarda Secreta", "Ruas da Cidade" e "Cheiro de Polvora", quadrilheiros no sertão americano, lutando contra vaqueiros. O melhor foi o primeiro. "Ruas da Cidade", no emtanto, tambem é bom e apesar de não chegar á altura do Film escripto por Frances Marion e dirigido por George Hill, appoia-se bem no scenario de Max Marcin e Oliver H. P. Garrett e na direcção intelligente de Rouben Mamoulian. E' um Film que tambem tem bom Cinema, muita descripção photographica original e interessante (aquella sombra do passaro sobre a cabeça de Gary Cooper no instante em que dois enviados de Paul Lukas ameaçam-lhe a vida, etc.) e bastante detalhe Cinematographico ao extremo e muita cousa de Cinema silencioso a invadir o terreno do Cinema falado, novamente triumphante e imponente como sempre foi esse Cinema que não falava mas era mais eloquente do que qualquer dialogo...

Sente-se que o director Rouben Mamoulian é uma intelligencia e um artista. Os seus apanhados de machina são invulgares e o andamento que elle dá ao Film muito bom. Além disso (desde "Applausos que notamos isto) elle é fanatico pelas ligações de objectos ou situações semelhantes e muito do agrado de detalhes e symbolismos (alguns exaggerados, como aquellas estatuetas de gatos estylizados respondendo, em primeiros planos, aos dialogos de Guy Kibee e Wynne Gibson, quando Guy adverte intelligentemente a Wynne que vae liquidar Stanley Fields) que são, na verdade, o maior recurso do Cinema quando bem comprehendido e não gasto a esmo e com significação meramente photographica, como sóe acontecer a quasi todo Film francez.

Gary Cooper tem um dos melhores papeis da sua carreira, vivido com muita naturalidade e tendo-o bem adaptado ao mesmo. Se não fosse tão magro agradaria muito mais aos seus innumeros "fans". Sylvia Sidney estréa aqui para nós, depois de já aqui ter apparecido num pequeno papel de um Film da Fox, aliás um dos primeiros e mais fracos que o Cinema falado fez. Ella tem personalidade e no seu rostinho quasi feio, mas tão interessante, ha alguma cousa a novo a admirar e querer bem. Ella vencerá (se já não venceu!) e com este Film apresenta-se magnificamente. Paul Lukas é o villão. Seu papel é um tanto ou quanto forçado. Não é humano. Não é, por exemplo, o de William Powell em "O Super Homem", lembram-se? De toda forma, no emtanto, apesar de ser assim e curto, o seu papel salienta-se pela personalidade que elle tem. William Boyd pouco tem a fazer. Guy Kibbee dá um dos melhores trabalhos do elenco e vae admiravelmente no papel cynico e velhaco que vive. Stanley Fields, Wynne Gibson e Betty Cinclair apparecem. O final é de certa originalidade, apesar de não ser muito convincente aquella sequencia em que Gary Cooper participa ser, daquelle momento para diante, o chefe da quadrilha.

Argumento de Dashiell Hammett com photographia de Lee Garmes.

Cotação: BOM.

COMPRADA — (Bought) — Film da Warner Bros. — Producção de 1931. — (Programma First National).

*Comprada* é um Film interessante para se criticar. Tem cousas que muito o recommendam. Outras, que o destroem. Ainda outras que o tornam vulgar e aquellas que o fazem inedito, em certos aspectos... Film-paradoxo, talvez... Mas o facto é que *Comprada* tem bilheteria e agrada. Não será, pode ser, nada de formidavel ou esplendido, mas Constance Bennett, elegantissima dentro das suas multiplas e perfeitas *toilettes;* Ben Lyon, sympathico e bem no seu papel; os ambientes, a elegancia do Film todo, a sua historia ás vezes ousada e quasi toda impregnada de malicia. Tudo isso auxilia e faz a gente gostar do Film. Se o fossemos dissecar, talvez o achassemos vasio, inexpressivo e fraco. Mas o nosso ponto de vista de critica não é a dissecação e nem o arrazamento. Analysamos aquillo que nos fére a retina e nos leva alguma cousa dahi para o coração. Analysamos como divertimento e sob olhos de publico. Retratamos para os "fans" o seu aspecto de valor Cinematographico e citamos, para os mais aprofundados em Cinema, os "toques" artisticos da direcção. Sob esse aspecto de analyse, *Comprada* é um Film que pode ser visto. Apesar do seu scenario, feito por Charles Kenyon e pelo ex-comico tão apreciado Raymond Griffith da novella de Harriett Henry, *Jackdaws Strut,* não ser perfeito e ter altos e baixos ás vezes muito "altos" e ás vezes muito "baixos", o trabalho de Archie L. Mayo, o director, dá certo merecimento ao Film e o eleva. Certos trechos felizes, como aquelle beijo de despedida que Constance pede a Ben e elle dá, á sahida, seguido daquella baforada do cachimbo delle, recommendam-no e, aos scenaristas, o conhecimento de Constance com Ben. Além destes, alguns outros, como a chegada de Constance em casa, encontrando sua mãe morta e ainda outros, bons.

*"A Guarda Secreta"*

Na interpretação, Constance Bennett é a mesma Constancezinha de sempre: — regular artista (aquella scena em que esbofeteia Ray Milland, por exemplo...), mulher elegante, rostinho exquisito e photogenico. Figurinha loura, que agrada muito, mas á qual aconselhariamos, apenas, não usar vestidos que lhe ponham as costas nuas... Além disso ella dá muita elegancia a qualquer Film e é, mesmo, uma das criaturas mais bem vestidas de Hollywood, apesar de não ganhar os 30.000 *dollars* semanaes, que a publicidade de lá e de cá lhe emprestam...

Ben Lyon, sincero e sympathico, agrada. Richard Bennett, pae della na vida real e no Film, embora ella o saiba apenas no final, representa bem e embora ainda não esteja muito aclimatado com maquillagem de Cinema (aquelle trecho em que espera a sahida de Constance, da casa de modas) agrada e está bem no seu papel. Dorothy Peterson, bem. Ray Milland, desagradavel. Encasacado parece um *garçon* e no rosto confirma a "parecencia"... Clara Blandick e Maude Eburne completam.

Cotação: — BOM.

O CAVALLO SELVAGEM — (Wild Horse) — Film da Allied — Producção de 1931 — (Programma V. R. Castro).

A primeira producção independente de Hoot Gibson que aqui assistimos, embora seja o segundo Film que elle faz para a Allies. Trata-se de um Film de vaqueiros, todo falado e apenas recommendavel aos muito apreciadores do genero, á meninada que ainda se enthusiasma com heroismos e villanias seculo-passado e aos casaezinhos que vão ao Cinema para não ver Films...

Tem um *rodeo,* onde exhibem-se varias novidades que os jornaes sonoros a cada passo apresentam e Hoot Gibson, accusado injustamente pelo assassinato do seu amigo e companheiro, vence os verdadeiros criminosos, no caso o Edmund Cobb, apenas e, casa com a pequena ganhando o premio de mil *dollars* pela captura do cavallo selvagem e domesticando-o, ainda por cima. Alberta Vaughn, velha e feia, é a heroina. Coitadinha da Alberta... Stepin Fetchit apparece numas piadas tambem conhecidas. Edward Peil é o *sheriff* e Neal Hart uma "peninha" que o scenarista arranjou para salvar o heroe de apuros, no final. Turma conhecida desde os tempos de Hoot na Universal, como se vê. George Bunny, Joe Rickson e Fred Gilman, figuram. Os cavallos Reno e Ghost, ensinados por Jack Boyle e Mutt, o cavallo ensinado de Hoot Gibson, figuram. Argumento de Peter B. Kyne. Scenario de John F. Natteford.

Cotação: — REGULAR.

*"O Ultimo Pelotão"*

## A tela em

"Comprada"

O ULTIMO PELOTÃO — (Die Letzte Kompagnie) — Film da Ufa — — Producção de 1931 — (Programma Urania).

Não sendo normal a producção allemã, nunca se pode ir ao Cinema com a convicção de que se vae assistir um bom Film. A's vezes é um drama social pesado, cheio de adulterio e ambientes apenas para espiritos allemães, mesmo, ou europeus, em geral. Noutras, trata-se de uma comedia de pouca graça e typos mal escolhidos e poucas vezes photogenicos. Um Film allemão nestes dois generos citados, quando é bom, é bom de verdade e merece um especial destaque na producção mundial, immediatamente. O lado forte dos Films germanicos, no emtanto, é o historico. Nem os americanos fazem Films historicos como elles fazem. Com absoluta propriedade, com rigor historico, com indumentaria indiscutivel, com typos perfeitos dentro de papeis magistralmente desempenhados. Neste particular, tire-se-lhes o chapéo. Mas o Cinema tolera annualmente um ou dois Films historicos, no maximo e se exceder a esse numero, arrisca-se a cahir no desagrado geral do publico que vê um com interesse, dois com um bocejo e tres... não vê.

*O Ultimo Pelotão* é um Film historico. O seu lado forte, no emtanto, não é o feitio de narrativa de um acontecimento popualr nacional, no emtanto. O principal factor do seu successo e a sua primordial qualidade, é o lado tragico da sua narrativa, dentro de um scenario quasi perfeito e uma direcção bastante poderosa. Eis porque muito nos admiramos deante de *O Ultimo Pelotão*. Contavamos ver um Film historico bem feito. Nada mais. O que vimos, foi um Film cheio de arte, de vida, de drama e tragedia. Um trabalho que talvez tenha pouca bilheteria, mas um Film que deverá empolgar a todo *fan* que se preze de o ser.

A historia é bem simples. Treze homens, a sobra de uma companhia heroica. Recebem ordens para guarnecer um moinho que fica justamente entre um provavel ataque francez e a ponte pela qual baterá em retirada o exercito prussiano. O sacrificio é certo e os homens são trucidados no cumprimento do dever. Apenas isto. O tratamento deste episodio é que é o mais Cinematographico possivel e se não fosse ás vezes um excesso de canções e, noutras, um ou outro detalhe desnecessario, podia-se dizer, sem susto, que era um Film impeccavel. Mas é desses que nasceu para ser silencioso. Se fosse apenas magistralmente musicado e perfeitamente sonorizado, ganharia em valor. Fala, gritos, vozes e choro, sempre estragam onde fala a *camera* e "ouvem" os *fans*... Para exemplo disto, temos o *shot* inicial do Film, magistral, sob qualquer aspecto e apenas reforçado com o grasnar soturno daquelle corvo... Um campo de batalha depois de uma dellas, coalhado de cadaveres... *Shot* longo, todo silencioso, todo descripto pela *camera*. Quando entram as vozes, sente-se uma reacção exquisita e promptamente foge a espiritualidade dramatica toda que o apanhado inicial géra no cerebro do *fan*. Nesse principio de Film é que se vê, claro, insophismavel, o quanto é eloquente a voz da photographia, principalmente quando é bem manejada. Outra scena perturbada pelo som, pela voz, é o momento em que Karin Evans confessa, nas lagrimas, que ama o Commandante que lhe dizia não ter ninguem que chorasse a sua morte... Uma scena que faria vir lagrimas a olhos de pedra... estragada pelo choro "sonoro" de Karin Evans e pelos dialogos... No emtanto, *O Ultimo Pelotão* não soffre de excessos de dialogos, não é, como Film falado, é esplendido.

O director merece creditos especiaes. Kurt Bernhardt, guiado pela mão engenhosa e admiravel de Joe May, apresenta um trabalho que o recommenda para o restante da sua carreira. Cuidou artisticamente do Film todo e dirigiu com extremá subtileza e pujança. Imprimiu expressões magistraes aos seus bonecos e fel-os moverem-se admiravelmente bem. Na escolha dos apanhados de machina, brilhou, igualmente. Cortou com propriedade aquelle local insalubre e tectrico e pôz angulos falantes pelas suas sequencias todas. Nota-se que se apaixonou pelo scenario do Film e sente-se o seu ardor directorial no mais simples detalhe do Film. Recommenda-o, igualmente, o principio do Film que, artisticamente, é a cousa mais bonita que já vimos em Cinema. Sente-se que elle tambem influio na photographia que é toda absolutamente artistica e tambem foi muito feliz com as montagens que confeccionaram para o seu trabalho.

Melhor mascara do que a de Conrad Veidt, Kurt Bernhardt jamais encontraria para o papel de commandante. O papel pedia um homem que soubesse viver os instante mais violentos da vida de qualquer homem. Um homem que soubesse retratar, no rosto, a emoção de um commandante que resolve deixar-se trucidar, ao lado de doze companheiros que ama e sabe que têm familias e filhos, apenas para resguardar a retirada de um exercito, apenas para salvar a vida de alguns milhares de irmãos. De um homem que marque, no rosto, a emoção de amar, pela primeira vez na vida, justamente quando a morte lhe acena a pouca distancia, justamente quando tem certeza de tudo, menos de viver... Conrad Veidt vive esses momentos como nenhum outro viveria. Elle tem no rosto uma tragedia já estampada. Na sua testa larga, nas veias saltadas da mesma, nos olhos grandes, expressivos, na feiura sympathica, no seu todo longo, grande, comprido, que é berrantemente tragico, anormal, mesmo. Elle é o commandante. O Film é inteiramente seu. Não concede ao mais simples *extra* o direito de lhe roubar meio metro de Film. Em momentos como aquelle quando quer ir embora e comsigo levar os companheiros e elle lhe pergunta tragico, imperioso, se "alguma vez dera ordens insensatas", em momentos assim, então, torna-se impressionante. Ao seu lado, todos desapparecem, se bem que sejam, um por um, typos adequadissimos e esplendidos. Karin Evans é o typo da allemãzinha: — sincera, simples, affectuosa. Não será successo em outros Films, principalmente se forem modernos e de sociedade. Mas neste não encontraria outra que fosse como ella vae.

O Film é todo perfeitamente conduzido pelo scenario e direcção. Ergue-se. Caminha. Eleva-se. Assim que o commandante faz o moleiro e a familia se retirarem (as passadas do commandante, lá em cima; "aquelle tambem não encontra a paz", phrase que um soldado diz; o accesso de hysterismo de outro), sente-se a tragedia que ali vão viver. Cada *shot* daquelle poço cavado no lodo pegajoso, cada apanhado daquella estrada sombria em cujo lado opposto acham-se os francezes, augmenta a impressão tectrica do que ali se vae passar. E quando começa o ataque francez e a resistencia dos treze homens, o Film está devidamente preparado para receber essa sequencia e o publico tambem. Ella entra no devido momento e empolga! A entrada daquelles officiaes francezes que se descobrem e o *shot* mostrando todos mortos, inclusive a pequena Dore, terminando no farrapo da canção dos granadeiros composta por um dos mortos, é outro exemplo de quanto fala o Cinema pela voz de qualquer *camera* agil e intelligente.

Ha, nesse *climax*, muita cousa realistica de Film europeu. (Aquelle soldado deitando sangue pela bocca, aos borbotões, por exemplo). Mas não chega a prejudicar o andamento do Film. Vejam.

Cotação: — MUITO BOM.

A GUARDA SECRETA — (The Secret Six) — Film da M.G.M. — Producção de 1931.

George Hill, o director de *O Presidio* e *O Lyrio do Lodo*, auxiliado pela sua hoje exesposa e então ainda-esposa, Frances Marion, uma das mais admiraveis e completas scenaristas que o Cinema americano possue, fez *A Guarda Secreta*. Nos seus dois anteriores trabalhos aqui vistos e acima citados, George Hill teve algumas falhas. *O Presidio* tinha aquelle elemento amoroso que era um joanete a deformar um gracioso sapato de verniz. *Lyrio do Lodo*, certas piadas proprias de comedias de sal grosso e não dentro de um Film que tinha sequencias como aquella em que Marjorie Rambeau queimava, com o ferro de frizar, o rosto de Marie Dressler. *A Guarda Secreta*, no emtanto, para gaudio seu e dos que o admiram como director, é quasi perfeito. Dizemos "quasi", porque todo e qualquer Film sempre tem um ou outro pequenino defeito que não o deixam integro.

A maior qualidade deste, é o scenario admiravel que Frances Marion escreveu sôbre quadrilheiros e seus sicarios. Scenario que não foi tirado de nenhuma "peça" e de nenhuma novella ou romance. Feito originalmente para um Film e isto, em Cinema, sabe-se que é meio caminho andado para um Film ser bom. E' um scenario que aplainou todas as arestas e alizou todo o terreno que George Hill e suas "cameras" iriam percorrer. Continuidade escripta com Cinema do melhor e tendo, deste bom Cinema, as cousas mais admiraveis e mais admiraveis de todos os bons "fans" e tambem daquelles que sabem apreciar essa grande qualidade do Cinema americano com isenção de animo. O trabalho de Frances Marion é impeccavel. Nas ligações de sequencias, com motivos identicos. Na divisão das mesmas, sem nenhuma a mais e nenhuma a menos. Nos detalhes. No aproveitamento da mais insignificante parcella de ironia toda do thema e esparzindo-a pelo Film todo, em pequeninos nadas que George Hill soube comprehender e soube fazer e Harold Wenstrom photographar com muita belleza e opportunidade. Em summa: — um trabalho digno della e alguma cousa que, só ella, Frances Marion, poderia fazer assim perfeita.

O elenco, propriamente, não tem "astro" e nem "estrella". E' um conjuncto photogenico, unico, admiravel. De Wallace Beery, o ponto de partida, a Theodore Von Eltz, dono do menor papel, talvez, o elenco todo é equilibrado e nas mãos de George Hill, moveu-se, todo elle, esplendidamente. De Wallace Beery e Lewis Stone, os dois que trocam as primeiras honras do Film, podemos dizer que são ambos admiraveis. Wallace Beery na velhacaria e na sinceridade da sua representação que é impressionante de tão sincera e humana que é. Lewis Stone no cynismo impertuba-

vel, no canalhismo sobrio das suas attitudes, tambem representados com um lado humano impressionante. Ambos merecem as primeiras honras, se bem que o trabalho de Wallace seja maior e mais cheio de opportunidades, portanto. Ambos têm momentos muito bons durante o Film todo e sabem aproveital-os genialmente. Os demais, Clark Gable, num papel sympathico e sem importancia, todavia, John Mack Brown, a perturbadora, perigosa Jean Harlow, Marjorie Rambeau, Paul Hurst, Ralph Bellamy, aquelle rapaz de talho no queixo, John Miljan, De Witt Jennings, Louis Natheaux, Fletcher Norton e Murray Kinnell, bem, todos.

# revista

O Film é extremamente emmocionante e todo elle repleto de acção. Imaginamos o que teria elle sido se fosse silencioso e tivesse apenas musica acompanhando...

Cotação: — MUITO BOM.

RUAS DA CIDADE (City Streets) — Film da Paramount. — Producção de 1931.

Tres Cinemas da Avenida, esta semana, receberam visitas de quadrilhas de contrabandistas e assistiram ás consequencias funestas das mesmas com os respectivos castigos de fundo moralistas. "A Guarda Secreta", "Ruas da Cidade" e "Cheiro de Polvora", quadrilheiros no sertão americano, lutando contra vaqueiros. O melhor foi o primeiro. "Ruas da Cidade", no emtanto, tambem é bom e apesar de não chegar á altura do Film escripto por Frances Marion e dirigido por George Hill, appoia-se bem no scenario de Max Marcin e Oliver H. P. Garrett e na direcção intelligente de Rouben Mamoulian. E' um Film que tambem tem bom Cinema, muita descripção photographica original e interessante (aquella sombra do passaro sobre a cabeça de Gary Cooper no instante em que dois enviados de Paul Lukas ameaçam-lhe a vida, etc.) e bastante detalhe Cinematographico ao extremo e muita cousa de Cinema silencioso a invadir o terreno do Cinema falado, novamente triumphante e imponente como sempre foi esse Cinema que não falava mas era mais eloquente do que qualquer dialogo...

Sente-se que o director Rouben Mamoulian é uma intelligencia e um artista. Os seus apanhados de machina são invulgares e o andamento que elle dá ao Film muito bom. Além disso (desde "Applausos que notamos isto) elle é fanatico pelas ligações de objectos ou situações semelhantes e muito do agrado de detalhes e symbolismos (alguns exaggerados, como aquellas estatuetas de gatos estylizados respondendo, em primeiros planos, aos dialogos de Guy Kibee e Wynne Gibson, quando Guy adverte intelligentemente a Wynne que vae liquidar Stanley Fields) que são, na verdade, o maior recurso do Cinema quando bem comprehendido e não gasto a esmo e com significação meramente photographica, como sóe acontecer a quasi todo Film francez.

Gary Cooper tem um dos melhores papeis da sua carreira, vivido com muita naturalidade e tendo-o bem adaptado ao mesmo. Se não fosse tão magro agradaria muito mais aos seus innumeros "fans". Sylvia Sidney estréa aqui para nós, depois de já aqui ter apparecido num pequeno papel de um Film da Fox, aliás um dos primeiros e mais fracos que o Cinema falado fez. Ella tem personalidade e no seu rostinho quasi feio, mas tão interessante, ha alguma cousa nova a admirar e querer bem. Ella vencerá (se já não venceu!) e com este Film apresenta-se magnificamente. Paul Lukas é o villão. Seu papel é um tanto ou quanto forçado. Não é humano. Não é, por exemplo, o de William Powell em "O Super Homem", lembram-se? De toda forma, no emtanto, apesar de ser assim e cur-to, o seu papel salienta-se pela personalidade que elle tem. William Boyd pouco tem a fazer. Guy Kibbee dá um dos melhores trabalhos do elenco e vae admiravelmente no papel cynico e velhaco que vive. Stanley Fields, Wynne Gibson e Betty Cinclair apparecem. O final é de certa originalidade, apesar de não ser muito convincente aquella sequencia em que Gary Cooper participa ser, daquelle momento para diante, o chefe da quadrilha.

Argumento de Dashiell Hammett com photographia de Lee Garmes.

Cotação: BOM.

COMPRADA — (Bought) — Film da Warner Bros. — Producção de 1931. — (Programma First National).

*Comprada* é um Film interessante para se criticar. Tem cousas que muito o recommendam. Outras, que o destroem. Ainda outras que o tornam vulgar e aquellas que o fazem inedito, em certos aspectos... Film-paradoxo, talvez... Mas o facto é que *Comprada* tem bilheteria e agrada. Não será, pode ser, nada de formidavel ou esplendido, mas Constance Bennett, elegantissima dentro das suas multiplas e perfeitas *toilettes;* Ben Lyon, sympathico e bem no seu papel; os ambientes, a elegancia do Film todo, a sua historia ás vezes ousada e quasi toda impregnada de malicia. Tudo isso auxilia e faz a gente gostar do Film. Se o fossemos dissecar, talvez o achassemos vasio, inexpressivo e fraco. Mas o nosso ponto de vista de critica não é a dissecação e nem o arrazamento. Analysamos aquillo que nos fére a retina e nos leva alguma cousa dahi para o coração. Analysamos como divertimento e sob olhos de publico. Retratamos para os "fans" o seu aspecto de valor Cinematographico e citamos, para os mais aprofundados em Cinema, os "toques" artisticos da direcção. Sob esse aspecto de analyse, *Comprada* é um Film que pode ser visto. Apesar do seu scenario, feito por Charles Kenyon e pelo ex-comico tão apreciado Raymond Griffith da novella de Harriett Henry, *Jackdaws Strut*, não ser perfeito e ter altos e baixos ás vezes muito "altos" e ás vezes muito "baixos", o trabalho de Archie L. Mayo, o director, dá certo merecimento ao Film e o eleva. Certos tre-

*"A Guarda Secreta"*

chos felizes, como aquelle beijo de despedida que Constance pede a Ben e elle dá, á sahida, seguido daquella baforada do cachimbo delle, recommendam-no e, aos scenaristas, o conhecimento de Constance com Ben. Além destes, alguns outros, como a chegada de Constance em casa, encontrando sua mãe morta e ainda outros, bons.

Na interpretação, Constance Bennett é a mesma Constancezinha de sempre: — regular artista (aquella scena em que esbofeteia Ray Milland, por exemplo...), mulher elegante, rostinho exquisito e photogenico. Figurinha loura, que agrada muito, mas á qual aconselhariamos, apenas, não usar vestidos que lhe ponham as costas nuas... Além disso ella dá muita elegancia a qualquer Film e é, mesmo, uma das criaturas mais bem vestidas de Holywood, apesar de não ganhar os 30.000 *dollars* semanaes, que a publicidade de lá e de cá lhe emprestam...

Ben Lyon, sincero e sympathico, agrada. Richard Bennett, pae della na vida real e no Film, embora ella o saiba apenas no final, representa bem e embora ainda não esteja muito aclimatado com maquillagem de Cinema (aquelle trecho em que espera a sahida de Constance, da casa de modas) agrada e está bem no seu papel. Dorothy Peterson, bem. Ray Milland, desagradavel. Encasacado parece um *garçon* e no rosto confirma a "parecencia"... Clara Blandick e Maude Eburne completam.

Cotação: — BOM.

O CAVALLO SELVAGEM — (Wild Horse) — Film da Allied — Producção de 1931 — (Programma V. R. Castro).

A primeira producção independente de Hoot Gibson que aqui assistimos, embora seja o segundo Film que elle faz para a Allies. Trata-se de um Film de vaqueiros, todo falado e apenas recommendavel aos muito apreciadores do genero, á meninada que ainda se enthusiasma com heroismos e villanias seculo-passado e aos casaezinhos que vão ao Cinema para não ver Films...

Tem um *rodeo*, onde exhibem-se varias novidades que os jornaes sonoros a cada passo apresentam e Hoot Gibson, accusado injustamente pelo assassinato do seu amigo e companheiro, vence os verdadeiros criminosos, no caso o Edmund Cobb, apenas e, casa com a pequena ganhando o premio de mil *dollars* pela captura do cavallo selvagem e domesticando-o, ainda por cima. Alberta Vaughn, velha e feia, é a heroina. Coitadinha da Alberta... Stepin Fetchit apparece numas piadas tambem conhecidas. Edward Peil é o *sheriff* e Neal Hart uma "peninha" que o scenarista arranjou para salvar o heroe de apuros, no final. Turma conhecida desde os tempos de Hoot na Universal, como se vê. George Bunny, Joe Rickson e Fred Gilman, figuram. Os cavallos Reno e Ghost, ensinados por Jack Boyle e Mutt, o cavallo ensinado de Hoot Gibson, figuram. Argumento de Peter B. Kyne. Scenario de John F. Natteford.

Cotação: — REGULAR.

*"O Ultimo Pelotão"*

# O que eu sei de Douglas e Mary

( F I M )

geles e durante o qual Douglas, que estava ao meu lado, disse, referindo-se a Mary que estava justamente do lado opposto da mesa: — "eu detesto sentar-me tão longe della!". Achei aquillo simples e tão bonito!...

— Uma das raras vezes que elles jantaram num restaurante, durante aquelle tempo todo, foi commigo, no Ambassador, numa recepção que eu offereci a uma pessoa da minha amisade e conhecimento. — Millicent, Duqueza de Sutherland. Reparei que elles não dansavam. Mary só dansou uma vez e foi com Jack, seu irmão.

— Elles viviam num mundo completamente a parte e delles, apenas delles. Interessavam-se pelos trabalhos um do outro e pelo engrandecimento da Cinematographia em geral. Chamaram-nos, uma vez, de Rei e Rainha de Hollywood. Jámais se deu tão bem um titulo a duas pessoas que tanto o merecessem.

— Lembro-me, tambem, de uma tarde que jantei com elles e fomos, depois, para o terrace. Era uma tarde quente de verão. Estavamos ali, conversando, quando Douglas apercebeu-se de dois vultos que estavam rondando as grades do jardim. Em Hollywood todos sabem, perfeitamente, o que representa a casa de um astro ser assim rondada por vagabundos talvez até famintos... Mas Douglas limitou-se a nos afastar e elle se dirigiu calmamente ao portão. Abriu-o. Falou aos dois. Eram realmente famintos e, fossem quaes fossem as suas intenções, estacaram diante da sinceridade e do sorriso de Douglas. E quando foram embora, levaram dinheiro, um aperto de mão, cada um e, ainda, felicidade de ter conhecido um dos maiores "astros" de Hollywood, pessoalmente...

— Ainda lhes poderia contar mil e um pequeninos incidentes que presenciei na vida desses dois unidos e apaixonados artistas. Para mim, depois que os conheci, passaram a ser o maior modelo matrimonial que eu já tinha conhecido. Jámais percebi qualquer cousa desairosa ou sordida na vida de ambos. Os encandalos de Hollywood apenas entravam em Pickfair com os jornaes. Ali dentro jámais se deu um delles. Commigo, então, elles sempre foram os mais amaveis e distinctos possiveis.

— Douglas sempre teve ciumes de Mary e ella, delle. Com esse ciume, sempre animaram e acalentaram o amor que têm ainda quente nos corações. Eu, que já os admirava por muitos motivos, quando conheci este, passei a admiral-os ainda mais profundamnte do que antes. Incrivel: — em Hollywood, dois artistas casados que ainda têm ciumes, um do outro...

ELINOR GLYN

# Estão enganados com Greta Garbo!

(Conclusão)

se exasperasse e fizesse qualquer cousa em represalia áquelle desleixo indisculpavel mas apenas causado pelos nervos de uma menina que muito admirava, deu-se o contrario. Ella começou a rir francamente, ás gargalhadas e achou uma tremenda graça no seu vestido todo cheio de macarrão...

Lew Ayres, como sabem, teve um dos primeiros importantes papeis da sua carreira em **O Beijo**, ao lado della. No dia em que figuraram juntos, pela primeira vez, foi justamente quando tinham uma sequencia de ardorosa paixão a Filmar. Depois da mesma, ella, achando-o interessante, voltou-se para Jacques Feyder, o director e lhe disse, rindo: — "Apresente-me ao rapaz, sim?". E depois disso, cada vez que terminavam um apanhado qualquer dos varios que juntos tiveram e, principalmente os amorosos, ella perguntava a Lew, que encabulava, geralmente: — "Já nos conhecemos?". E ria-se muito com isso.

Hilda Vaughn, aquella nariguda que figurou recentemente em **Travessuras de Amor**, ao lado de Marion Davies, no papel de esposa de Johnny Arthur, aquelle das "concentrações", figurou com Greta Garbo em **Susan Lenox, Her Fall and Rise**. Quando foram apresentadas, o nome scandinavo de Hilda chamou a attenção de Greta Garbo que, de prompto, perguntou:

— Suéca?

E Hilda promptamente respondeu:

— Judia...

A resposta foi tão prompta e dita com tanta graça, que Greta Garbo riu á vontade e, dahi para diante, não a chamou a não ser de "Hilda Judia".

Quando alguem a faz rir e ella acha mesmo graça no que foi dito ou feito para lhe provocar esse riso que custa mas que tanto alegra os que o ouvem, tão expontaneo e tão bonito e, Greta Garbo costuma, depois que ri, dizer ao mesmo, agradecendo-lhe com a expressão o riso que provocou: —

— Tolo!

E apesar de ser um nome pouco agradavel de se ouvir, dito por ella e com a entonação que ella dá á palavra, faz gosto.

Ella gosta muito de anecdota e quem as souber contar póde contar que será por ella ouvido com prazer. Não aprecia humorismo sobre escocez e gosta muito de cousas bulindo com suécos ou obre o modo errado pelo qual elles falam o inglez.

Ella gosta muito de animaes e, no seu **set**, **qualquer** um delles é bemvindo. Divertiu-se immenso com o macaco que com ella figurou em **Romance**. Durante a Filmagem de um determinado dialogo de **Susan Lenox**, a gravação foi prejudicada pelo miado de um gatinho. Descobriram-no e quando o iam arremessar fóra, ella o pediu, mandou-o para o seu camarim e fel-o seu, dahi para diante.

Eis um pouco do que colhemos a respeito da estupenda suéca que Hollywood e o mundo todo a tanto tempo veneram. Cousinhas sem importancia, talvez, mas muito interessantes, principalmente considerando-se a sua figura e a sua personalidade profundamente exquisita.

"FUSÃO" DE POLA NEGRI E LORETTA YOUNG..

Adrienne Ames

QUE A PARAMOUNT INVENTOU...

# A maior ameaça ás "estrellas"

( F I M )

Quando Adolphe Menjou comprehendeu a sua obsecação pelo "alguem" que suppunha estar agindo contra elle era tanta que já começava a preoccupar a sua saúde, deixou o Cinema por vontade propria e foi descançar na Europa. Lá comprehendeu o seu erro, a parte completamente diversa que até então seus olhos não tinham querido ver. Vooltou completamente curado. Hoje em dia ri-se desses que falam em "alguem" que os querem prejudicar...

Eis o "mal". Cural-o será facil?...

# CAROLE É ARISTOCRATICA

( F I M )

Os livros que ella lê, marcam o aspecto superior da sua intelligencia. Seus amigos são poucos e, todos elles, tambem cultos e bem formados mentalmente. Ainda outro dia, vendo-a com um livro de Marcel Proust sob o braço, perguntaram-lhe:

— Você o lê?

Ao que ella respondeu, séria e firme:

— Não... Apenas o trago commigo...

O primeiro papel que a Florence deu Hollywood como opportunidade, foi na escolha de George Fitzmaurice cahindo sobre ella para interpretar a irmã de Ronald Colman em **O Diabo que Pague.** Não deixou de brilhar e apesar de ter trabalhado ao lado de Loretta Young, uma heroina respeitavel, conseguiu se impor e chamar attenções. Principalmente pela sua distincção inconfundivel.

Ruth Weston é a primeira figura social dos Studios da RKO. O seu principal caracteristico é uma franqueza educada e simples com a qual trata a todos e a ninguem illude. E' das mais queridas figuras do seu lot e uma das mais estimadas por Hollywood toda, mesmo. E' filha de William Shillaber, proprietario do **New York Globe.** Ella começou no Cinema por um capricho e depois de dobrada a opinião contraria de seu pae, começou ella a lhe merecer até confiança por começar a ganhar ella mesma a vida e, assim, como premio por isso, deu-lhe uma casa confortavel e bonita em Beverly Hills como presente e como "pazes", que assim celebrava com ella. Além disso elle comprehendeu o lado bom da carreira de Cinema e reconhecendo que nella não havia nem 10 o|o do que lhe haviam dito de ruimdade e faltas de caracter, resolveu elle approvar incondicionalmente e foi o que fez.

O agente de publicidade de Ruth arranjou para ella uma historia que a dava na Africa, quando por lá passou o unit de **Trader Horn**, em locação e que ella tendo sido uma esplendida camarada de todos, foi, depois, convidada por W. S. Van Dyke, o director, para tentar uma carreira em Films.

— Tudo isso é **balão!**

Disse-nos ella mesma.

— Eu jámais me encontrei com unit algum de **Trader Horn.** Falo tão bem o francez e o allemão quanto o inglez e, principalmente por isso, deram-me um test em New York para um determinado Studio de Los Angeles. Naquella época elles ainda procuravam pequenas para versões estrangeiras de origens americanas. Foi isso que aconteceu e a tal historia do unit é uma refinada asneira.

Adrienne Ames, uma recente acquisição da Paramount, é uma pequena em grande evidencia e descendente de uma excellente familia da sociedade de New York. Igualmente educada e fina, Adrienne inclinou-se sem propriamente saber porque á carreira artistica no Cinema. Ella começou com um extraordinario gosto por se photographar e como todos os annos ia á Europa, resolveu, aquelle anno, mudar seus planos e fazer uma visita a Hollywood. Já trazia, na mente, qualquer cousa com inclinação Cinematographica e, chegando a Hollywood procurou o Studio de uma profissional das mais conhecidas da Cidade e das mais apreciadas, tambem: — Ruth Harriet Louise. As photographias que Ruth della tirou ficaram tão esplendidas, que varios productores, directores e mesmo artistas sentiram-se attrahidos por ella. A Paramount foi a primeira a lhe offerecer um contracto, embora com opções. Ella estava de bom humor, acceitou. Além disso, de uma fórma ou doutra, aquillo vinha ao encontro dos seus mais recentes desejos. A sua primeira apparição foi em **24 Hours.** Ella e Carole Lombard, na Paramount, formam um admiravel par de elegantes e distinctas **estrellas.**

Ainda duas faltam serem aqui citadas: — Ruth Hall e Hope Williams. Ruth está com a Warner Bros, e Hope com a RKO. Ambas decidiram-se pelo Cinema por passa-tempo, sem saberem que Cinema é como cigarro, jogo ou bebida: — vicia... Foi o que aconteceu. Ellas entraram no "brinquedo" e acabaram achando com o ranchinho que as acolheu, prazenteiro e amigo como sempre o é.



# O homem menos comprehendido de Hollywood

( F I M )

Eu e os poucos que o conhecem como elle realmente é, admiramol-o. O que nelle nós encontramos, portanto, nada mais justo que tambem lhes contemos, leitores amigos. Julguemol-o pelos moldes de qualquer **gentleman** russo. Se não o acharmos perfeito, Hollywood terá, então, o direito de rir. Seja o juiz, leitor sincero e amigo.

Segundo um velho official russo que vive em Hollywood e cujo nome não vem ao caso mencionar, as quatro principaes qualidades pelas quaes, na Russia, antigamente, julgavam-se os **gentleman**, são estas: —

— **Como trata elle os seus criados?**
— **Como bebe elle o seu licôr?**
— **Como elle joga?**
— **Como trata elles as mulheres?**

**Respostas favoraveis a estas quatro perguntas, na Russia de outros tempos, era a approvação para qualquer homem que se quizesse ser gentleman. Nada se diz, nos quatro casos acima, sobre o modo do gentleman russo tratar homens... Basta que elle cumpra os preceitos acima e elle é cavalheiro. Não importa como elle trate o restante dos homens. O principal é que elle trate bem os seus quatro preceitos de distincção suprema.**

Lebedeff, pelo que o conheço, deve ser apenas julgado pelos costumes dos seus patricios e não pelos dos nossos, de costumes e maneiras tão differentes. Colloquemos Lebedeff sob analyse, mas de accordo com seus costumes, seus habitos e suas maneiras russas de viver. Elle está nos Estados Unidos, mas não póde mudar o intimo que é e tem que ser naturalmente todo russo.

Já vi muita gente famosa de Hollywood diante de criados. Mas apenas vi um que sempre agrade ao rapaz do elevador levál-o para cima ou condu-

zil-o para baixo. Agradecer a pequena do vestiario. Ao **garçon** que o serve á mesa. Dizer bom dia aos humildes, invariavelmente e com sagrada obrigação. Esse homem é Lebedeff. As pequenas que trabalham no restaurante da RKO sabem disso e foram ellas mesmas que me disseram que elle é o mais distincto e o mais fino de todos quantos ellas já viram ali pisar. Os criados acham-no tão differente dos outros que chegam a pensar que elle seja anormal...

Vindo de uma terra de amantes do bom e generoso vinho, naturalmente elle não póde, do dia para a noite, acceitar outro costume. Tem que conservar a sua herança. "Como bebe elle o seu licôr", tem varios sentidos. Lebedeff sob este aspecto, ensina-nos quaes elles são. Elle jámais deixa de cumprir os seus compromissos sociaes e mesmo que isto lhe acarrete excesso de horas de actividade em contraste com poucas horas de repouso. Indo a essas festas, jámais deixa de beber o seu predilecto rotulo e, fazendo-o, fal-o com elegancia unica e com distincção sem par. Por mais que beba, jámais se excede e nunca se torna inconveniente. A sua distincção é sem limites. Quando os outros andam á procura de banhos de chuva e "saes", elle toma, calmamente, o seu copo com agua fresca e vae para o trabalho como se nada houvesse... Lebedeff sabe beber. Cumpre, portanto, o segundo preceito do cavalheiro russo.

Eu o vi jogando, apenas uma vez. Maneiras calmas e simples. Pedia aos que com elle jogavam, sempre, que dissessem, em voz alta, a quantia das apostas. Uma aposta foi de trezentos dollars. Outra de quinhentos. Outra de dois... Quando elle estava para virar as cartas, uma pequena que estava bem atraz da sua cadeira, perguntou-lhe: — "posso apostar um dollar, apenas?". "Com certeza, madame!". Respondeu elle, attencioso. A mesma distincção, para as grandes e para as pequenas apostas. Esta sua distincção, apesar dos seus multiplos inimigos, foi ali muito commentada e citada.

Já disse muitas vezes e alguns chegaram mesmo a affirmar, que Lebedeff quebrou uma banca de Monte Carlo, uma vez. Attingiram, os francos que ganhou, a 250 mil francos. Consta, ainda, que a maior parte desses lucros, deu-os elle aos pobres que por ali andavam, em abundancia. E' um jogador educado e fino, portanto.

Com as mulheres, então, ninguem póde deixar de considerar que elle é o mais distincto de todos quantos se acham em Hollywood. O seu systema de beijar mãos naturalmente angariou-lhe muita caçoada, é logico, mas é um costume dos seus e elle não o abandona, ainda que lhe traga aborrecimentos. Elle trata a qualquer mulher com extrema delicadeza e com toda attenção. Muitas dellas sentem-se até perturbadas taes são as delicadezas e tantas as gentilezas delle. Falta

de costume, talvez... Sendo assim com as mulheres, Ivan Lebedeff, portanto, cumpre a ultima e uma das principaes clausulas do "codigo de educação" de todo cavalheiro russo e, portanto, provado está que elle é um distinctissimo cavalheiro que merece toda a nossa admiração.

E' logico que elle não podia esperar de Hollywood uma admiração profunda e nem uma alegria intensa vendo-o vencer assim. Hollywood sente ciumes. E por causa disso é que elle muito soffreu. Mas, mais tarde ou mais cedo, Hollywood tem que dar a mão á palmatoria e então Lebedeff tomará o seu verdadeiro logar entre os que com elle, lutam pelo ideal esplendido do Cinema. Elle é uma pessoa que qualquer um póde apreciar á primeira vista, é certo, mas que, convivendo, aprende a estimar e achar o que delle eu acho, que o conheço tanto e tão bem.

## Hollywood voltou á vida...

(FIM)

Shearer vivaz, cheia de sensualismo e bórmas bem marcadas pelos vestidos que são convites aos sentidos apaixonados...

E Joan Crawford? Custou a comprehender que jámais foi talhada para a publicidade que della se fazia em torno da sua vida particular. Disseram-lhe, francamente, que o successo de **Garotas Modernas** e **Donzellas de Hoje**, para o publico, provinha da certeza que esse mesmo publico pagante e applaudinte, do mundo todo, tinha de que ella levava, fóra da tela, a mesma vida que a tornava dia a dia mais celebre nos seus Films. Ella dansava, amava, ria e cantava. A sua fama de boa esposa e boa cozinheira dos quitutes favoritos do seu marido nada adiantava, portanto... Num instante começou-se a notar uma reacção do publico contra essa mesma publicidade errada e ella... bem, hontem á noite, por eexmplo, eu a vi no Cocoanut Grove, dansando, cantando, rindo e representando-se provocadora e irresistivel como seus Films já a deram tantas vezes ao publico do mundo todo. Já se murmura, mesmo, que ella e Douglas estão procurando outros "romances", mas o certo é que elle ainda mais apaixonado ficou, dessa fórma, pela sua esposa esplendida, admiravel e tão fascinante.

E Marlene! Esta allemã arrebatadora resolveu não conceder mais entrevistas. E' o primeiro symptoma da sua nova personalidade apenas em embryão. Agora poderemos observal-a melhor do que nunca e tanto quanto o fazemos a Greta Garbo... E, reparem, com esse negocio dellas não falarem, nos pensamentos, dellas, cousas mais excitantes e mais adoraveis do que realmente seriam se ellas contasses a verdade e falassem aos jornaes... Não é?... Esse mysterio é o segredo da victoria de Greta Garbo e será o de Marlene, hoje...

Quando chegou, Marlene poz em terra o pé errado. O romance que haviam criado para ella e Von Sternberg, atirou-o ella por terra dizendo que era casada, bem casada e tinha uma filhinha que era a maior adoração do sua vida. O seu marido, por sua vez, disse — o trapalhão! — que ella "era uma esplendida cozinheira e uma esposa admiravel!". Taes cousas, numa carta de recommendação de cozinheira de primeira classe, estão muito bem, é certo, mas na publicidade só atrazam. O mysterio é necessario e a intriga indispensavel. Essa é a "honesta" publicidade que faz uma estrella mundialmente famosa e um astro

(Termina no proximo numero)

# Hollywood; roleta do amor...

( F I M )

O romance foi apaixonado, ardente e apparentemente sincero. Mas o desfecho foi amargo e triste. Loretta, amando o marido, viu-se na contingencia de não mais o supportar. O seu relaxamento, o seu abandono das sousas sérias e a sua pouca vontade de trabalhar puzeram-na inteirada da sua situação. Deixou-o, sem outro remedio.

✣ ✣ ✣

O casamento de Sue Carol e Nick Stuart, recentemente periclitou. Os que haviam apostado no divorcio, exultaram. Mas tal não se deu. Elles concertaram o lar e continuam felizes. Resistirão ao proximo tufão?... E' o que ninguem sabe...

✣ ✣ ✣

Um dos casamentos mais commentados de Hollywood, por certo, é o de Joan Crawford e Douglas Fairbanks Jr. Já perderam a aposta varios que jogaram no divorcio. Os que pensam que elles deixarão de se amar, tambem se enganam. E, agora, o casamento já entrou no periodo de irritação. Isto é: — já está irritando áquelles que esperam a todo momento o desenlace fatal. E, além disso, estão já achando que um casamento assim feliz, em Hollywood, é uma immoralidade, um escandalo... Mas Joan e Douglas não ligam. Vão calmamente continuando a feliz vida que ha tempos ligaram e hoje levam, juntinhos.

✣ ✣ ✣

Quando John Gilbert e Ina Claire deram aquella celebre e engraçada escapada até Las Vegas e, de lá, voltaram casados, os dias desse matrimonio foram contados a dedo... Todos conhecem John de sobra e embora não conhecendo ~~tanto~~ a Ina Claire, sabiam, no emtanto, que ella não teria genio para supportar um homem assim voluvel, assim exquisito. E os que opinaram pelo divorcio, ganharam longe e com vantagens...

✣ ✣ ✣

A união de Clark Gable e sua quarta esposa, para Hollywood é uma união ainda mal conhecida. Clark abre muito pouco as portas do lar aos curiosos e, assim, não olhando de perto a vida que elles levam, a curiosidade já não começa a gerar tantas apostas... Mas, mais tarde ou mais cedo, tão cedo quanto lhe entre o definitivo successo pelas portas a dentro, a sua vida será dissecada e elle resistirá heroicamente aos commentarios ou sossobrará. Depende do grau de felicidade que ande desfrutando ao lado da esposa. Queremos desejar, aqui, que continue, ao lado della, muito feliz.



✣ ✣ ✣

O recente casamento de William Powell e Carole Lombard ainda está em observação. William é mais velho e Carole, muito moça. Dessa differença esperam todos um casamento equilibrado, sensato e feliz. Mas ha muita gente boa que aposta pelo divorcio... Affirmam que William Powell não é homem para fazer mulher alguma feliz e acham que o seu genio é exquisito demais para que alguem o supporte em santa calma... Emfim... é esperar.

✣ ✣ ✣

Das vidas intimas de Chester e Sue Morris e Regis e Kitty Toomey, poucos falam. Não se preoccupam muito com elles. Mas Chester póde já ir contando com a offensiva. Agora elle é astro e, entrando em evidencia, entrará, fatalmente, para o ról dos commentados... Regis ainda é galã. Se subir mais, ao seu lado subirá o commentario. Se continuar onde está, é provavel que seja como Conrad Nagel: — feliz, absolutamente feliz, inteiramente feliz...